

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CARMELIA VILELA



CIÊNCIA E RELIGIÃO:
FRAGILIDADES NA BNCC E O NEGACIONISMO CIENTÍFICO

CARMELIA VILELA

CIÊNCIA E RELIGIÃO:
FRAGILIDADES NA BNCC E O NEGACIONISMO CIENTÍFICO



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Ensino Religioso Escolar.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

VITÓRIA-ES

2024

Vilela, Carmelia

Ciência e Religião / Fragilidades na BNCC e o negacionismo científico / Carmelia Vilela. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

vii, 79 f. ; 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.

Referências bibliográficas: f. 73-79

1. Ciência da religião. 2. Ensino religioso escolar. 3. Ensino religioso.
4. Negacionismo científico. 5. Ciência e religião. 6. BNCC. 7. Negacionismo científico e BNCC. -. Tese. I. Carmelia Vilela. II. Faculdade Unida de Vitória, 2024. III. Título.

CARMELIA VILELA

RELIGIÃO E CIÊNCIA: FRAGILIDADES DA BNCC EM RELAÇÃO AO ENSINO
RELIGIOSO E O NEGACIONISMO CIENTÍFICO



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Ensino Religioso Escolar

Data: 30 ago. 2024.

Abdruschin Schaeffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Elcio Sant'Anna, Doutor em Teologia, UNIDA.

Valdir Stephanini, Doutor em Teologia.

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar a minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, agradeço ao meu orientador por sua orientação, paciência e apoio ao longo deste processo.

Aos meus professores, colegas de estudo, em especial a minha colega de turma Hérika Castilho, e amigos, obrigado por todas as discussões e trocas de experiências enriquecedoras. À minha família, pelo constante incentivo e compreensão. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de cada um de vocês.

Muito obrigado!



RESUMO

A pesquisa analisa as possíveis relações entre ciência e religião, identificando lacunas e/ou fragilidades nas orientações da BNCC para o componente curricular de Ensino Religioso. Procura-se aferir como tais lacunas contribuem para o fenômeno do negacionismo científico na escola pública pesquisada. Empreende-se um *blend* metodológico, envolvendo a pesquisa bibliográfica, documental e a realização de um estudo de caso em uma escola da rede municipal de ensino de Cariacica-ES, com os/as estudantes matriculados/as no 9º ano do Ensino Fundamental. O referencial teórico da pesquisa se estrutura a partir do pensamento de Ian Barbour, considerando suas propostas práticas de integração entre ciência e religião. A pesquisa se estrutura em três capítulos. No primeiro, explora-se as possíveis inter-relações entre ciência e religião, enfatizando o discurso que permeia o negacionismo científico e aferindo seu impacto na formação dos/as estudantes do Ensino Fundamental. No segundo capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica das Ciências das Religiões para o Ensino Religioso, analisando criticamente as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades em torno desse componente curricular, segundo propõe a BNCC. No terceiro e último capítulo, apresentam-se os dados obtidos através do estudo de caso e apresenta-se uma proposta prática para contribuir para a mitigação do negacionismo científico nas escolas brasileiras. Considera-se pertinente aproximações entre ciência e religião, sobretudo a partir do referencial teórico elencado na pesquisa, tendo em mente a premência de arranjos sobre as lacunas identificadas no texto da BNCC em relação ao currículo do Ensino Religioso.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Negacionismo Científico. Religião. Ciência. BNCC.

ABSTRACT

The research analyzes the possible relationships between science and religion, identifying gaps and/or weaknesses in the BNCC guidelines for the curricular component of Religious Education. It seeks to assess how such gaps contribute to the phenomenon of scientific denialism in public school surveyed. A methodological blend is undertaken, involving bibliographic and documentary research and the realization of a case study in a school of the municipal school of Cariacica-ES, with students enrolled in the 9th year of Elementary School. The theoretical framework of the research is structured from the thought of Ian Barbour, considering his practical proposals of integration between science and religion. The research is structured in three chapters. In the first, the possible interrelations between science and religion are explored, emphasizing the discourse that permeates scientific denialism and assessing its impact on the education of elementary school students. In the second chapter, the theoretical foundation of the Sciences of Religions for Religious Education is presented, critically analyzing the thematic units, the objects of knowledge and the skills around this curricular component, as proposed by the BNCC. In the third and last chapter, the data obtained through the case study are presented and a practical proposal to contribute to the mitigation of scientific denialism in Brazilian schools is presented. It is considered pertinent to approach science and religion, especially from the theoretical framework listed in the research, bearing in mind the urgency of arrangements on the gaps identified in the text of the BNCC in relation to the Religious Education curriculum.

Keywords: Religious Education. Scientific Denialism. Religion. Science. BNCC.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 AS RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE RELIGIÃO, CIÊNCIA E O DISCURSO ANTICIENTÍFICO	11
1.1 Negacionismo científico e suas faces	11
1.2 Negacionismo, a escola e a educação	15
1.3 Negacionismo científico e fundamentalismo religioso	20
1.4 Relações possíveis entre religião e ciência.....	28
2 AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES E AS COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA O ENSINO RELIGIOSO	35
2.1 O Ensino Religioso Escolar no contexto das Ciências das Religiões	35
2.2 Competências específicas do Ensino Religioso Escolar para o Ensino Fundamental.....	40
2.3 Análise das competências específicas da BNCC e suas possíveis lacunas	43
3 O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA PROFISSIONAL	52
3.1 Apresentação do estudo de caso na EMEF Rosa da Penha	52
3.2 Apresentação e análise dos dados da pesquisa	57
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS/AS ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	80

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisa possíveis relações entre ciência e religião¹, a partir de lacunas e/ou fragilidades percebidas no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação ao componente curricular de Ensino Religioso. Tem-se como enfoque as contribuições de tais lacunas para a sustentação do negacionismo científico². Este, portanto, é o objetivo ulterior da pesquisa.

O tema que envolve o negacionismo científico, ao menos naquilo que abrange a ciência e a religião, remete ao significado que o conceito de *verdade* denota para essas duas instâncias. Para a religião, a verdade se fundamenta em concepções religiosas, por exemplo, os cristãos articulam sua noção de verdade em concepções bíblicas, salvacionistas e disciplinadoras, o que carrega um caráter inflexível, ou seja, tem a ver com uma espécie de sacralização da realidade. A narrativa bíblica, nesse caso, torna-se dogmática e afetiva, não se enquadrando nos termos de uma interpretação através da razão humana.³ No caso da ciência, a noção de verdade costuma variar em conformidade com a história, o que inclui alguns fatores importantes como, por exemplo, a cultura, as autoridades estabelecidas, os valores como também o paradigma científico vigente. Nesse sentido, a compreensão do conceito de verdade no âmbito da ciência solicita sua contextualização.⁴

O interesse da pesquisa consiste em adentrar nesse tema, porém, a partir de seus impactos na educação e no ambiente escolar. Isso será feito, como já dito, a partir de uma análise do Ensino Religioso, segundo o texto da BNCC. De modo sumário, procura-se pela presença de métodos dialéticos e/ou fundamentalistas na BNCC para o Ensino Religioso. Por essa razão,

¹ Toma-se o conceito de religião à luz do pensamento de Clifford Geertz, que considera a religião como um sistema de símbolos, que emerge como uma esfera reguladora do comportamento humano. Religião, para esse autor, localiza-se na dimensão da cultura, de modo que esta última é compreendida como um padrão de significados transmitidos no decorrer da história, um sistema de concepções transmitido de modos simbólicos, que gera interações e comunicações entre os sujeitos. Nas palavras do autor, religião “é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderoso, penetrante, e modos de longa duração e motivações nos [seres humanos] por formulação de concepções de ordem geral da existência e vestindo essas concepções com tal laura de factualidade que os humores e motivações parecem singularmente realistas”. Para mais detalhes, consulte: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 22.

² No âmbito desta pesquisa, a expressão negacionismo científico denota um fenômeno social relacionado ao contexto digital, que designa um rechaço sistemático em relação aos fatos amparados em evidências científicas ou históricas. Compreende-se que há uma intencionalidade subjacente, nesse fenômeno, que procura influenciar a opinião pública em benefício de determinados interesses. Nesse sentido, o conceito de negacionismo científico aqui adotado evoca a ideia de um fenômeno social que tem potencial para influenciar o comportamento de muitas pessoas, com consequências que podem ser letais em contextos como o da educação, por exemplo. Para mais informações acerca desse conceito, leia: LÓPEZ, María A. A. Negacionismo: concepto. *Revista Eunomia*, Madrid, v. 1, n. 24, p. 250-260, 2023. p. 250-251.

³ JAPIASSÚ, Hilton. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 29.

⁴ JAPIASSÚ, 1985, p. 29.

tem-se o seguinte problema de pesquisa: como as lacunas da BNCC para o componente curricular de Ensino Religioso contribuem para o negacionismo científico?

A hipótese da pesquisa considera aproximações pertinentes entre ciência e religião, a partir do referencial teórico proposto. Mas, isso será realizado a partir de propostas ou arranjos que reflitam sobre as lacunas e/ou fragilidades localizadas nas unidades temáticas, nos objetos de conhecimento e nas habilidades previstas para o currículo do Ensino Religioso, segundo a BNCC.

O referencial teórico da pesquisa recorre ao pensamento de Ian Barbour, que procura refletir sobre aspectos específicos do âmbito da ciência. O método desse pensador relaciona ciência e teologia, mas, no contexto dessa pesquisa, isso será feito a partir de aproximações entre ciência e religião, considerando as propostas práticas de integração oferecidas por ele.⁵ O diálogo entre ciência e religião envolve várias dimensões. Por isso, a pesquisa se debruça sobre o desenvolvimento do Ensino Religioso à luz da BNCC, considerando várias possibilidades de interação.

Isso será empreendido através de um *blend* metodológico, a partir da confluência da metodologia bibliográfica, documental e estudo de caso. Por intermédio da primeira, espera-se analisar a literatura especializada sobre o tema, o que envolve em grande medida a consulta de: livros, artigos, dissertações, teses e outros textos relevantes. Em seu aspecto documental, a pesquisa se debruça sobretudo sobre o texto da BNCC e suas orientações contemporâneas para o Ensino Religioso. O estudo de caso será realizado em uma escola pública do Ensino Fundamental, na busca de apresentar uma análise a partir de dados coletados, que serão analisados à luz do referencial teórico da pesquisa. Trata-se da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Rosa da Penha, localizada no Município de Cariacica-ES. Espera-se identificar e determinar as fragilidades na BNCC em torno do Ensino Religioso a partir da metodologia bibliográfica e documental. Nesse caso, por meio do estudo de caso, a expectativa é de averiguar a presença e os possíveis impactos do negacionismo científico no contexto escolar pesquisado.

A pesquisa se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo explora as possíveis inter-relações entre ciência, religião e o discurso que perpassa o negacionismo religioso.⁶ Este

⁵ BARBOUR, Ian G. Tipos de relación entre ciência y teología. In: RUSSEL, Robert J. (org.). *Física, filosofía y teología: una búsqueda común*. México: Edamex, 2002. p. 63.

⁶ De acordo com Clayton Guerreiro e Ronaldo Almeida, a expressão negacionismo religioso representa uma “linguagem de poder que indica conexões políticas, religiosas e empresariais”. Para os autores, tal linguagem ganha contornos religiosos, sobretudo quando defende a lógica do sacrifício em detrimento dos processos de humanização. Em outras palavras, o negacionismo religioso é uma linguagem de poder fora do âmbito da democracia, que se expressa publicamente por intermédio de diferentes estratégias de negação da ciência – quase

capítulo é importante para mostrar a necessidade de estabelecer diálogos, sobretudo no campo da educação, para resgatar os ideais democráticos no Brasil. Pretende-se, pois, evidenciar de que forma as interações entre ciência e religião favorecem o negacionismo científico nas escolas brasileiras, e qual o impacto desse fenômeno na formação dos/as estudantes do Ensino Fundamental.

O segundo capítulo avança com a proposta de apresentar a fundamentação teórica das Ciências da Religião para o Ensino Religioso, sem perder de vista as orientações da BNCC. Neste capítulo, as competências, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que envolvem o Ensino Religioso serão perscrutadas. Por isso, leva-se em consideração os contextos de desenvolvimento histórico desse componente curricular até sua estruturação atual na BNCC. O capítulo é importante para delinear as hipóteses sobre as lacunas e/ou fragilidades existentes no texto da BNCC em relação ao Ensino Religioso.

O ponto de partida do terceiro capítulo consiste no trato do problema levantado na pesquisa, isto é, verificar como as lacunas da BNCC para o Ensino Religioso fomentam o negacionismo científico. A partir daí, além de apresentar o diálogo entre ciência e religião no contexto escolar, a partir do estudo de caso proposto, pretende apresentar uma proposta prática – que atenda o aspecto profissional da pesquisa – no intuito de contribuir para a mitigação do negacionismo científico no ambiente escolar, bem como restaurar a dignidade da ciência nas escolas brasileiras. Isso será feito a partir de uma ênfase na relação dialogal entre ciência e religião.

sempre com justificativas religiosas – com o interesse de legitimar e consolidar projetos políticos comuns. Para saber mais, leia: GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Revista Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-74, 2021. p. 52.

1 AS RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE RELIGIÃO, CIÊNCIA E O DISCURSO ANTICIENTÍFICO

Ao abordar as potenciais inter-relações entre ciência, religião e discurso anticientífico, o primeiro ponto que vem à mente é compreender a função da ciência e a ação da religião em um contexto escolar possivelmente marcado pelo negacionismo científico. Este fenômeno não é uma novidade na sociedade, mas, pelo menos no Brasil, observa-se um aumento expressivo nos ideais anticientíficos nos últimos anos. Essa ascensão cria um desafio significativo para os valores democráticos, a necessidade de diálogo e o debate de ideias, especialmente no âmbito educacional. Diante do avanço desse negacionismo e da disseminação da *pós-verdade*⁷, cabe à educação e ao ambiente escolar enfrentar questões complexas sobre o tema. Este capítulo baseia-se em estudos que destacam a relação entre o negacionismo científico e a educação no ambiente escolar, consolidando uma extensa literatura que explora como equilibrar essa interação.

Nesse contexto, o propósito inicial deste capítulo consiste em apresentar algumas reflexões sobre o negacionismo e explorar sua relação com a escola no âmbito científico e educacional. A pergunta que norteia essa discussão é: de que maneira a interação entre religião e ciência contribui para o negacionismo científico e qual é o impacto disso na formação dos/as estudantes do Ensino Fundamental? Considerando as competências específicas do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental, é crucial ponderar sobre o “novo” arranjo proporcionado pela BNCC, em termos de unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades. Isso se faz necessário para mitigar o negacionismo científico no contexto escolar.

1.1 Negacionismo científico e suas faces

Inicialmente, é importante compreender o negacionismo e suas facetas como um fenômeno cujos contornos na sociedade permeiam qualquer situação de polarização social e cultural. Pode-se afirmar, na verdade, que ele se configura como uma problemática política e prática que tende a se impor cada vez mais no cotidiano social. Da mesma forma, **pode-se**

⁷ O termo refere-se a “‘capacidade de carregar a verdade’ das novas mídias sociais e a propensão para divulgar notícias falsas através do Facebook, Google e Twitter [por exemplo], e assim criar um ‘mundo bolha’ onde as fontes de notícias selecionadas por algoritmos simplesmente reforçam os preconceitos existentes, comprometendo assim a capacidade de pensamento moral”. Para mais informações, consulte: PETERS, Michael A. Education in a Post-truth World. In: PETERS, Michael A.; HYVÖNEN, Mats; RIDER, Sharon; BESLEY, Tina. (orgs.). *Post-Truth, Fake News Viral Modernity & Higher Education*. Singapore: Springer, 2018. p. 147.

afirmar que é uma questão epistemológica, na qual o enfrentamento vai além das questões teóricas. Por isso, é possível afirmar que o exame dos polos do negacionismo pode proporcionar uma ideia de como essa pseudodicotomia se desenvolve. Ou seja, como o papel multifacetado da dúvida trazida pelo negacionismo impacta o seio do desenvolvimento do pensamento científico. Para tanto, convém resgatar que a insegurança social e a dúvida servem como gatilhos e dispositivos para questionar as pretensões de conhecimento.⁸

Matthew D’Ancona destaca que a pós-verdade não se confunde com *fake news*, ressaltando que a presença de notícias falsas não é exclusiva da contemporaneidade. No contexto político, a pós-verdade difere da mentira, sendo que a manipulação estratégica de informações por agentes públicos existe desde o antigo Império Romano. Mesmo em regimes democráticos, a mentira é uma constante na política partidária, segundo o autor. Ao contrário da visão comum, a pós-verdade está mais ligada às mudanças na forma como o público lida com a manipulação do que à distorção da realidade pela imprensa e políticos. Essa transformação implica na perda da primazia da verdade como princípio estruturante da sociedade e das decisões de interesse público e privado. O autor descreve esse período como uma transição da indignação para a indiferença e, por fim, a conivência. As pessoas comuns, antes vistas como vítimas passivas, agora desempenham um papel ativo nos processos que moldam a pós-verdade.⁹

Lee McIntyre aponta que a pós-verdade é um campo de debate composto por vários temas, tais como: o negacionismo científico, a hiperpolarização política, os vieses cognitivos, o *big data*, as mídias sociais, as bolhas *online* e a pós-modernidade.¹⁰ Dessa forma, o negacionismo científico é parte de um espectro mais amplo, que deve ser acionado nas reflexões, além de considerar sua remota origem, em que o ceticismo filosófico do Ocidente influenciou os argumentos céticos das sociedades mais antigas, perpetuando-se na gênese e na consolidação das ciências empíricas deste século.¹¹

Como se observa, os autores citados destacam a necessidade de realizar uma incursão pelo ceticismo, a fim de ressaltar a pertinência e a relevância da reflexão cética sobre a “história profunda” humana, como denominado por Matthew D’Ancona. Isso prepara o terreno para a discussão de problemas relacionados à sociedade contemporânea, especialmente nas questões

⁸ D’ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Barueri: Faro, 2018. p. 36.

⁹ D’ANCONA, 2018, p. 36.

¹⁰ MCINTYRE, Lee. *Post-truth*. Cambridge: MIT Press, 2018. p. 28.

¹¹ DAVID, Mariano G.; CORREA, Mônica F. As diversas faces da dúvida: ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências. *Revista em Construção*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 158-172, 2020. p. 161.

que envolvem a ciência e a dúvida, que serão abordadas neste trabalho. Segundo Matthew D'Ancona:

Todas as sociedades possuem suas lendas fundadoras que as unem, moldam seus limites morais e habitam seus sonhos de futuro. Desde a Revolução Científica e o Iluminismo, porém, essas narrativas coletivas competiram com a racionalidade, o pluralismo e a propriedade da verdade como base para a organização social. O que é novo é a extensão pela qual, no novo cenário de digitalização e interconexão global, a emoção está recuperando sua primazia, e a verdade, batendo em retirada.¹²

Nesse passo, fica evidente que o autor aponta para um colapso em que a presença da dúvida e da desconfiança no funcionamento da ciência tem sido explorada por determinados grupos sociais. Para esses grupos, o pensamento científico foi suprimido, muitas vezes, por não ser do seu agrado, e isso se tornou a base social da era da pós-verdade. Há uma percepção notória sobre o tema, indicando a instrumentalização do negacionismo e da verdade, levando a uma compreensão distorcida da ciência. Dessa forma, as versões de verdade que caracterizam os discursos negacionistas são apresentadas como se fossem científicas. Observe:

Trata-se de instrumentalização da dúvida com a finalidade de minar a confiança na ciência, de negar reiteradamente seus resultados. As estratégias negacionistas visam impedir a tomada de decisões político-administrativas baseadas nos consensos científicos que contrariam interesses ideológicos.¹³

Pode-se dizer que a sociedade está enfrentando uma onda de conteúdo negacionista, o que demanda uma busca para compreender as razões subjacentes a esse colapso na base social. Como resultado, algumas pessoas perdem a confiança na ciência, o que gera motivos que proporcionam dubiedade. Ter dúvida não é necessariamente ruim, porque ela está irrigada no seio do conhecimento e necessita ser reconhecida de maneira honesta como uma forma transformadora, provável e válida nos limites estabelecidos pelo próprio conhecimento. O problema está quando essa dúvida é levantada de modo leviano para minar a confiança da opinião pública, ou seja, é instrumentalizada para eliminar e contestar os resultados científicos que contrariam interesses de certas instituições ou grupos.¹⁴

Decerto, a literatura apresentada até agora alinha-se à crítica forte desferida contra a modernidade que questionou o primado da ciência, afirmando a incomensurabilidade do objeto,¹⁵ uma vez evidencia que a sociedade vive um momento em que a questão não se trata

¹² D'ANCONA, 2018, p. 38.

¹³ DAVID; CORREA, 2020, p. 158-172.

¹⁴ DAVID; CORREA, 2020, p. 158-172.

¹⁵ Georg Hegel, por exemplo, criticou a separação proposta na modernidade entre sujeito e objeto, economia e política, público e privado. A filosofia desse autor também desmascarou a visão burguesa do trabalho articulado com vistas a acumulação privada e a divisão social. Saiba mais em: HEGEL, Georg F. W. *Filosofia da história*. Brasília: UnB, 1995. p. 43.

mais de estabelecer a verdade por meio de critérios avaliativos, investigativos, racionais e conclusivos. Os sujeitos, agora, optam por sua própria verdade, influenciados por ideologias que, ao empregar a dúvida, enraízam interesses além do âmbito científico no meio social, especialmente no contexto político.

O cerne da questão é a importância de se reconhecer que essa instrumentalização do negacionismo reflete uma mudança estrutural nos arranjos sociais. E aquilo que, até pouco tempo, era tido como evidência científica passou a ter uma resistência deliberada da sociedade, e as operações racionais da ciência começaram a ser associadas às teorias da conspiração, sendo altamente disseminada em meio à ignorância dos pouco instruídos.¹⁶

A ideologia negacionista não está restrita apenas àqueles/as com maior vulnerabilidade social, cultural e econômica. Pelo contrário, pessoas mais instruídas também têm propensão a adotar posições mais radicais em relação à contestação do conhecimento. Isso ocorre devido ao primado das crenças: escolhe-se no que acreditar e, em seguida, inventam-se razões para justificá-las. Nesse sentido, o fato de alguns indivíduos serem mais inteligentes ou terem maior acesso à informação e à escolarização não necessariamente os torna menos suscetíveis às crenças equivocadas e deficientes.¹⁷

A partir da Psicologia Social, este fato é reforçado. Gustave Le Bon argumenta o seguinte:

O que há de mais impressionante numa multidão é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam quais forem as semelhanças ou diferenças no seu gênero de vida, nas suas ocupações, no seu caráter ou na sua inteligência, o simples fato de constituírem uma multidão concede-lhes uma alma coletiva. Esta alma fá-los sentir, pensar e agir de uma maneira diferente do modo como sentiriam, pensariam e agiriam cada um isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos só surgem e se transformam em atos nos indivíduos em multidão. A multidão psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que, por momentos, se uniram, tal como as células que se unem num corpo novo formam um ser que manifesta caracteres bem diferentes daqueles que cada uma das células possui.¹⁸

Na realidade, é exatamente isso que acontece: a ação ideológica dos indivíduos, ao se posicionar sobre as regulações sociais, como formulações políticas, religiosas e outras, beneficia-se delas para financiar atividades negacionistas e elaborar discursos contra os resultados científicos que contradizem seus interesses ideológicos. Não é, portanto, surpreendente que as instituições científicas tenham sua reputação minada, com seus conhecimentos e posicionamentos enfrentando desconfiança por parte da opinião pública.¹⁹

¹⁶ D'ANCONA, 2018, p. 39.

¹⁷ D'ANCONA, 2018, p. 39.

¹⁸ LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. Lisboa: Roger Delraux, 1985. p. 12.

¹⁹ DAVID; CORREA, 2020, p. 158-172.

Desponta uma batalha pelo controle dos espaços de disseminação ideológica, nos quais os espaços públicos são utilizados para promover questionamentos duvidosos sobre a ciência. Os porta-vozes do negacionismo demonstraram habilidades mais refinadas e preparação, ao intervirem nos meios de comunicação por meio de *fake news*, superando os institutos científicos nesse aspecto. Como resultado, os negacionistas conseguiram disseminar sua ideologia de maneira ampla, criando a impressão de que os resultados indicados pela ciência na sociedade não são confiáveis.²⁰

Sob esse prisma, concorda-se com a visão de Matthew D’Ancona, que atribui a caracterização da sociedade como um tempo marcado pela fragilidade institucional. O autor destaca que essas instituições atuam como barreiras enfraquecidas, permitindo que a pós-verdade floresça em seu contexto.²¹ A primazia da verdade, segundo o autor, erodiu conjuntamente com os valores institucionais, sendo esse fenômeno atribuído à influência da indústria multimilionária da desinformação, propaganda enganosa e falsa ciência, que têm prevalecido nos últimos anos.²²

Na perspectiva de Matthew D’Ancona, em um tom catastrófico, considera que todo esse cenário foi deliberadamente elaborado com o intuito de sabotar a confiança da sociedade no conhecimento científico e gerar confusão pública. Isso porque o propósito da pós-verdade consiste em proporcionar entretenimento, distração e romper com os esforços científicos. Vale ressaltar que são as campanhas ideológicas de desinformação que prepararam o terreno para a chegada da era da pós-verdade. Por conseguinte, as prioridades estabelecidas, nesse contexto, direcionaram-se para a ascensão do negacionismo científico. Diante disso, analisa-se, na próxima seção, algumas relações entre o negacionismo, o ambiente escolar e o campo da educação.

1.2 Negacionismo, a escola e a educação

Diante da complexidade intrinsecamente ligada aos diversos saberes da sociedade moderna, faz-se necessário analisar o negacionismo científico a partir de sua relação com a educação, uma das várias formas de conhecimento do mundo. Pode-se dizer que não há conhecimento sem essa relação, pois ela contém a interação do ser humano com o mundo, com

²⁰ DAVID; CORREA, 2020, p. 158-172.

²¹ D’ANCONA, 2018, p. 39-40.

²² D’ANCONA, 2018, p. 39-40.

os outros e consigo mesmo. Entender essas dimensões da educação possibilita uma melhor compreensão do que é o negacionismo.²³

Sobre esse assunto, Bernard Charlot e Veleida Charlot afirmam que “a educação é um triplo processo de humanização, socialização e singularização. Cada novo ser humano chega a um mundo que foi construído por múltiplas mediações técnicas, simbólicas, estéticas, sociais etc.”²⁴. Nesse sentido, o negacionismo também se configura como uma das maneiras específicas pelas quais os seres humanos se relacionam com o mundo. Isso ocorre porque a negação da existência de determinados conhecimentos científicos representa uma oposição às verdades, uma vez que o indivíduo considera que há uma verdade única, a sua própria.

Para Ricardo Teixeira e Rodrigo Bicudo, o crescimento do fenômeno negacionista se baseou, em parte, no afastamento entre o que é ensinado nas instituições educacionais e os processos cognitivos acessados e utilizados pelos/as estudantes fora desses espaços.²⁵ Carise Angelo endossa essa ideia, afirmando que, no século XXI, as pessoas foram perdendo a confiança nas instituições fundamentais que compõem a sociedade, o que contribuiu para o crescimento do negacionismo e envolveu os ambientes educacionais e a própria ciência.²⁶

Conforme indicado pelos autores supramencionados, o principal fator que contribui para a propagação de notícias anticientíficas e falsas é a ampla facilidade de conectividade proporcionada pelas redes sociais e pela *internet*. As plataformas digitais conferiram voz a diversos discursos, permitindo que qualquer pessoa disseminasse pontos de vista obscuros e ataques ao conhecimento, sem a necessidade de comprovar suas alegações e teorias, tampouco ter o mínimo de conhecimento racional sobre o assunto.²⁷

Apesar do discurso negacionista apresentar tese e conteúdo absurdo, ele pode recorrer a termos técnicos para tentar legitimar seus ataques ao conhecimento científico, isto é, ele se apropria de alguns saberes da academia para proliferar inverdades, visando desacreditar determinados aspectos da ciência, o que acaba afetando o conjunto de saberes.²⁸ Com base nessa análise, é possível afirmar que o negacionismo científico impõe uma série de desafios à

²³ CHARLOT, Bernard; CHARLOT, Veleida A. C. S. O negacionismo: uma crise social da relação com a verdade na sociedade contemporânea. *Revista Internacional Educo*, São Cristóvão, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2021. p. 8.

²⁴ CHARLOT; CHARLOT, 2021, p. 12.

²⁵ TEIXEIRA, Ricardo R. P.; BICUDO, Rodrigo S. Uso de vídeos em atividades educacionais de divulgação científica sobre movimentos de negação da ciência. *Revista Educitec*, Manaus, v. 7, p. 1-16, 2021. p. 13.

²⁶ ANGELO, Carise M. Negacionismo científico e propagação de notícias falsas ligadas a ciência: precisamos falar sobre isso na escola. *Revista Docência e Ciberultura*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 255-268, 2023. p. 255.

²⁷ CHARLOT; CHARLOT, 2021, p. 12.

²⁸ GUIMARÃES, Cátia C. Negacionismo científico: do debate epistemológico à luta de classes. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-7, 2022. p. 3.

ordem educacional, dentre os quais, estão às demandas ligadas ao desenvolvimento e à formação do indivíduo como cidadão/ã.²⁹

Nesse passo, sendo a escola um ambiente social privilegiado para a construção de saberes, não se pode ignorar o avassalador avanço de discursos e ideias anticientíficas que florescem nos atuais educandários. Trazer para o contexto escolar esse debate é encarar o negacionismo científico como um fenômeno a ser combatido, e para isso, os/as professores/as precisam contextualizar o conhecimento e aproximá-lo da realidade sociocultural dos/as estudantes, para trazer temas significantes para a vida, dentro e fora dos muros da escola.³⁰

Um contexto educacional crítico e devidamente instruído terá melhores condições de enfrentar as *fake news*. Para tanto, ações específicas devem ser desenvolvidas, bem como o tema precisa ser corajosamente ponderado em sala de aula, especialmente sobre como os/as estudantes pensam sobre as narrativas negacionistas. Afinal, uma das competências da BNCC pretende desenvolver o senso crítico dos/as estudantes, o que, com efeito, faz parte da incumbência dos/as educadores/as enquanto professores/as.³¹

Ao refletir sobre o negacionismo científico, a educação deve considerar o campo do pensamento crítico, relativista e construtivista, pautando-se no equilíbrio entre uma visão crítica na educação científica, mas sem, ao mesmo tempo, dar força para o negacionismo. Essa questão reafirma a necessidade de o contexto escolar pensar nas possibilidades pedagógicas para a superação do negacionismo e o obscurantismo científico que ele tem trazido à sociedade.³²

Há uma necessidade no ambiente escolar de apontar as possibilidades de enfrentamento do negacionismo científico. Essas possibilidades devem ser pensadas a partir do trabalho dos/as professores/as em sala de aula.³³ Mariana Vilela e Sandra Salles afirmam que uma das maneiras de se dirimir o diálogo negacionista no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade está no papel da educação e da escola. Trata-se de diminuir os distanciamentos entre os conteúdos lecionados na escola, a partir da relação dos/as estudantes com o cotidiano, em que merece destaque a formação de uma cultura científica dos/as cidadãos/ãs, sendo o/a professor/a

²⁹ CHARLOT; CHARLOT, 2021, p. 12.

³⁰ PINTO, Gisinaldo A. *Divulgação científica e práticas educativas*. Curitiba: CRV, 2010. p. 27-28.

³¹ BORGES, Ianni S. *O Negacionismo em sala de aula: e agora professor (a)?* Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2022. p. 48.

³² SELLES, Sandra E.; VENÂNCIO Bruno. Contribuições da escola para a superação do negacionismo científico. *Revista Bio-Grafia*, Bogotá, n. 1, p.3175-3178, 2022. p. 3177.

³³ NICHELE, Patrícia T.; MELLO, Maria Aparecida S. Gestão escolar na perspectiva da educação democrático-participativa e a função social da escola. *Revista Saberes Pedagógicos*, Criciúma, v. 4, n. 3, p. 323-343, 2020. p. 328.

um dos responsáveis pela promoção desse diálogo.³⁴ Ou seja, “é necessário que a sociedade em geral não só conheça o que é produzido pela ciência, mas também saiba discutir a respeito disso”³⁵, afirmou Juliana Oliveira, Dulce Strieder e Dulcinéia Gianotto. No entanto, Pina Sollero foi incisiva ao argumentar que: “nós temos que fazer o oposto da escola sem partido, nós precisamos como sociedade, ter claro que o papel da escola é o de debater questões polêmicas ao falar sobre o tema negacionismo científico”³⁶. Logo, não há espaço mais privilegiado para as discussões relacionadas à cultura, divulgação e alfabetização científica que a escola que dispõe do/a educador/a crítico e ativo.³⁷

O discurso anti-negacionismo científico deveria ser reforçado nesses espaços, pois é muito importante na educação trabalhar com os modos de elaboração do conhecimento, das mudanças que emergem na sociedade e de como, ao longo do tempo, elas influenciam o comportamento do sujeito em sociedade. Isso mostra que o conhecimento científico possui um sentido vasto e interligado à formação do ser humano, haja vista que se relaciona com todas as esferas sociais.³⁸ Além disso, é pertinente considerar a possibilidade de os fenômenos do negacionismo científico e do fundamentalismo religioso³⁹ ocorrerem no âmbito das escolas pela carência de uma formação inicial e continuada ajustada à essa temática para os/as profissionais docentes do componente curricular de Ensino Religioso.⁴⁰ A formação docente para o Ensino Religioso é um aspecto que evidencia a pertinência tanto pedagógica quanto científica desse componente curricular, de modo que a Resolução CNE/CP nº 5, de 28 de dezembro de 2018,

³⁴ VILELA, Mariana L.; SELLES, Sandra E. É possível uma educação em ciências crítica em tempos de negacionismo científico? *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, 2020. p. 1726.

³⁵ OLIVEIRA, Juliana M. P.; STRIEDER, Dulce M.; GIANOTTO, Dulcinéia E. P. Cultura científica e formação de professores: desafios e possibilidades. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3, p. 489-497, 2018. p. 497.

³⁶ SOLLERO, Pina E. D. N. Caminhos da docência contra o negacionismo científico. *Revista Balbúrdia*, São Paulo, n. 3, p. 36-39, 2021. p. 38.

³⁷ FRIGOTTO, Gaudêncio. *Escola 'sem' partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: LPP; Uerj, 2017. p. 18-19.

³⁸ NICHELE; MELLO, 2020, p. 329.

³⁹ O fundamentalismo religioso pressupõe leituras rígidas, descontextualizadas e inflexíveis, de modo que busca na tradição religiosa os fundamentos para determinar e enclausurar seus posicionamentos e ações excludentes. Na lógica fundamentalista, a religião do outro é sempre uma ameaça e, por isso, costuma ser relegada à extinção e à deslegitimação, o que pode acontecer, por exemplo, através da demonização do universo cultural e simbólico de determinada tradição. Em geral, o pensamento fundamentalista é, em sua essência, anacrônico, pois implica na imposição de seus fundamentos sobre o outro, a despeito das condições históricas. Saiba mais em: MARIA, Tayná L.; CHEVITARESE, André L. Fundamentalismo religioso cristão: em busca de um conceito. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná L. (orgs.). *Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p. 16.

⁴⁰ SANTOS, Rodrigo O. Ciência da religião aplicada ao currículo do Ensino Religioso. *Revista Rever*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 71-88, 2022. p. 77.

reforçou a necessidade das Ciências da Religião serem área de referência para a formação inicial de professores/as.⁴¹

Por isso, promover uma educação anti-negacionista possibilita colocar os/as estudantes como protagonistas, ensinando-os/as organicamente a tomar decisões, a partir de iniciativas reflexivas. Eles/as serão instruídos/as para desenvolverem discernimento, algo imprescindível frente às adversidades.⁴² A escola deve possuir ferramentas necessárias para que o/a professor/a trabalhe com os/as estudantes com abordagens sociais, além dos conceitos científicos escolares, a partir de um currículo ampliado, considerando as indagações que surgem na sociedade, o que eleva notadamente à aprendizagem crítica. Isso confere base à educação científica e, consequentemente, desmistifica o discurso negacionista científico.⁴³

Nesse sentido, quando se fala em uma educação crítica, tem-se que levar em consideração que faz parte da criticidade englobar os conhecimentos filosóficos para se chegar ao conhecimento científico. Assim, criar diálogos e debates sobre o negacionismo científico no ciclo educacional é fundamental. Pina Sollero fala da importância do diálogo e sobre como é preciso ouvir os/as estudantes. Quando o/a docente se depara com a atitude de um/a estudante com discursos negacionistas, a primeira tendência é de se assustar, e, logo, entrar impositivamente em enfrentamento direto. Sem embargo, isso é péssimo no contexto de ensino-aprendizagem, pois, o/a professor/a acaba nem ouvindo os/as estudantes.⁴⁴ O caminho mais adequado seria ouvi-los/as e tentar entender o porquê daquela atitude. Mas, até a ação de ouvir demanda certa cautela, para saber o que o/a docente precisará mobilizar para responder às inquietações dos/as estudantes, ou seja, o que os/as professores/as precisam saber é como localizar na fala deles/as em relação às dúvidas quanto à ciência para saber como abordá-las.⁴⁵

Pode-se dizer, então, que os/as professores/as e demais profissionais da educação precisam estar mais sensíveis ao tema para abordá-lo adequadamente. O conhecimento científico é importante para o desenvolvimento da sociedade, e o diálogo é mais que uma maneira de troca de conhecimento, é parte da própria construção do saber e da formação do sujeito.⁴⁶ Portanto, o diálogo cumpre um papel importante neste despertar para a ciência, em

⁴¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP nº 5, de 28 de dezembro de 2018b*. [Institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião]. Brasília: MEC. [online]. [n.p.].

⁴² MARTINEZ, Flávia W.; CARRERI, Márcio L.; SALIBA, Maurício G. *Educação, tensões e desafios contemporâneos: negacionismo, Covid-19, ensino remoto e outras questões do nosso tempo*. São Carlos: Pedro & João; Cornélio Procópio; UENP, 2022. p. 63.

⁴³ SCHEID, Neusa M. J. Ciência na educação científica e tecnológica: contribuições e desafios. *Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia*, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 233-248, 2018. p. 237.

⁴⁴ SOLLERO, 2021, p. 38.

⁴⁵ RECEPUTI, Caian C. Currículo narrativo: uma proposta de ensino crítico para enfrentar o negacionismo científico. *Revista Balbúrdia*, São Paulo, n. 3, p. 40-41, 2021. p. 41.

⁴⁶ SELLES; VENÂNCIO, 2022, p. 3176.

que as pessoas debatem para se desenvolverem mais.⁴⁷ Ao justificar os posicionamentos, os/as estudantes são levados/as a pensar em algo que ainda não haviam considerado.⁴⁸

Apesar de muitos profissionais da educação afirmarem a dificuldade de lidar com esses debates sobre o negacionismo científico, eles são necessários para o enfrentamento deste problema. É necessário reconhecer a escola como espaço privilegiado para esses debates.⁴⁹ Para Pina Sollero, quando a:

Sociedade estiver convencida disso, será o momento em que o professor estará na sala de aula com muito mais tranquilidade. Eu sei que o que eu proponho enfrenta problemas com o atual contexto político das ideologias negacionistas, fica muito mais difícil. Entendo que muitos professores não queiram fazer, mas o que nós devemos fazer, como já mencionei, é ter claro como sociedade que esse é o papel da escola.⁵⁰

Caian Receputi também ratifica que o distanciamento entre a vida dos/as estudantes e o conhecimento produzido pela ciência é um dos fatores que contribuem para o negacionismo. Isso decorre da falta de diálogo e aliança entre os conteúdos curriculares escolares, pois, muitos deles não estabelecem intersecções e são utilizados como instrumento de dominação das classes menos favorecidas.⁵¹ Em outras palavras, devido à influência política, os conhecimentos priorizados no contexto escolar frequentemente se distanciam do cotidiano dos/as estudantes e de suas relações com a sociedade. Com base nisso, avança-se para a próxima seção, no intuito de abordar acerca do negacionismo científico na interface com a religião.

1.3 Negacionismo científico e fundamentalismo religioso

Na conjuntura social do presente século, os discursos anticientíficos e negacionistas se proliferaram. Entre os fatores apontados pela literatura estão: a política, a economia, a tecnologia e a religião. Esta última tem uma responsabilidade central, considerando sua capacidade de dar sentido à vida e tocar o ser humano no mais profundo de sua existência. Como já aludido acima, a religião emerge como um sistema de símbolos, que emerge como uma esfera reguladora do comportamento humano.⁵² Alguns sistemas religiosos, no entanto,

⁴⁷ SOLLERO, 2021, p. 39.

⁴⁸ ANGELO, Carise M. “Escola sem Partido” ou “Escola com Mordança”: precisamos refletir acerca do nosso papel docente. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO TÂNIA MARA TAVARES DA SILVA, VII, 2017, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 65-75. [pdf]. p. 66.

⁴⁹ VILELA; SELLES, 2020, p. 1726.

⁵⁰ SOLLERO, 2021, p. 39.

⁵¹ RECEPUTI, 2021, p. 40.

⁵² GEERTZ, 1989, p. 22.

encaminharam-se para o fundamentalismo, disseminando conteúdos inverídicos e ilusórios, contrapondo-se ao pensamento científico.⁵³

Determinadas perspectivas religiosas podem contribuir para reforçar o discurso anticientífico e gerar certo nível de desinformação para legitimar ideologias conservadoras e autoritárias, fazendo uso dos espaços religiosos para negar os avanços científicos e suas contribuições para a formação da pessoa.⁵⁴ Nesse caso:

Nos parâmetros pretendidos pelos setores mais conservadores da sociedade, as ciências tendem a ser reduzidas apenas ao conhecimento que possa embasar, minimamente, o fundamentalismo religioso que novamente se avizinha. Os valores comuns dos conservadores estão relacionados à importância atribuída à religião, à valorização das instituições intermediárias entre o Estado e os indivíduos (família, corporação etc.) e, por conseguinte, uma crítica à centralização estatal e ao individualismo moderno. Percebe-se que o contexto social – vislumbrado pelos negacionistas – favorece apenas a institucionalização do caos social.⁵⁵

Em um estudo realizado sobre a relação entre religião e negacionismo científico, Tatiana Roque concluiu que as consequências da crença religiosa têm afetado consideravelmente o saber e o conhecimento intelectual. Segundo ela, 75% das pessoas entrevistadas naquele estudo alegaram que, quando a ciência discorda de sua religião, eles/as escolhem os preceitos religiosos. Em relação a esse resultado, é importante ter em mente que ele se dá devido à correlação entre a confiança e benefícios tangíveis percebidos pelas pessoas. Por esta razão, a probabilidade de acreditarem mais na religião do que na ciência depende enormemente de como a religião se faz importante na vida cotidiana.⁵⁶ Este fato é corroborado em outro estudo estatístico realizado pela autora, cujos dados globais mostraram que 64% dos entrevistados têm a religião como fator determinante na vida, e ela é parte importante em seu cotidiano, fazendo-os escolhê-la quando há discordância com a ciência.⁵⁷

Para entender o negacionismo científico, é preciso fazer uma análise do fundamentalismo religioso e sua relação com a verdade. Durante muito tempo, o paradigma que vigorava na sociedade sobre a realidade e compreensão dos fatos estava pautado em uma visão mística de organização dos *cosmos*. Ou seja, os valores éticos e morais que direcionavam

⁵³ GONÇALVES, Rafael B. Discurso laico e discurso religioso em tempos de Coronavírus. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 23, p. 1-42, 2021. p. 13.

⁵⁴ ROMANO, Jorge O.; BITTENCOURT, Thais P.; BALTHAZAR, Paulo A. A.; FEITOSA, Annagesse C. A disputa de discursos sobre a pandemia. In: LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL [site institucional]. 01 jun. 2020. [online]. [n.p.].

⁵⁵ RABELLO, Priscila F. M.; SILVA, Joana D'Arc A.; OLIVEIRA, Heloisio C.; MORAES, Onildo S.; GARCIA, Monique L.; SIPRIANO, Luciene. Ao discurso negacionista/religioso e científico em tempos de pandemia, COVID-19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 111831-111844, 2021. p. 111831.

⁵⁶ ROQUE, Tatiana M. O negacionismo no poder: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. In: REVISTA PIAUÍ [Site institucional]. 01 fev. 2020. [online]. [n.p.].

⁵⁷ ROQUE, 2020, [n.p.].

a sociedade e seus comportamentos esperados, baseavam-se na vontade divina e nas suas leis, acreditando eles que emergiam da vontade de um deus ou deuses.⁵⁸ Nos grupos religiosos de matriz cristã, por exemplo, a verdade costuma partir da concepção bíblica, que é disciplinadora da vida, carregando um caráter de inquestionabilidade, com uma concepção de verdade e certeza sagrada da realidade. Logo, diante da narrativa religiosa dogmática, não é possível a interpretação dos fenômenos por meio da racionalidade humana.⁵⁹

Por isso, as concepções negacionistas buscam alterar não apenas a visão da ciência, mas retomar os valores ligados à família e aos costumes conservadores, podendo, assim, ditar o que esses religiosos veem como verdade, atrelando-a às circunstâncias nas quais os fatos e os objetivos possuem menos capacidade de moldar a opinião dos sujeitos que os apelos religiosos e as crenças pessoais.⁶⁰ O que vigora no atual paradigma da sociedade é uma espécie de gestão, manipulação e administração da verdade veiculada por meio de múltiplos mecanismos presentes na vida cotidiana do ser humano, sobretudo, a religião e as mídias sociais, contrapondo-se aos elementos de verdade científica.⁶¹

A religião, na perspectiva fundamentalista, emerge como movimento crítico às inovações tecnológicas, decorrentes do processo de avanço científico, pautando-se em discursos ultraconservadores. Por meio deles, discursos dogmáticos, moralistas e afetivos são legitimados, podendo chegar em perseguição à ciência. Como consequência, colocam expressões negacionistas e antidemocráticas na pauta da sociedade, em nome da manutenção de um projeto conservador.⁶²

Ainda que o negacionismo científico não tenha sua origem no universo religioso, é nele que se estende o panorama pautado na narrativa do sagrado em que as verdades são absolutas, afetivas e inquestionáveis. A religião, quando mal gerida e potencializada pelas tecnologias da informação, permitem a difusão de valores ultraconservadores de maneira ampla e eficaz. Além da propagação de *fake news* de cunho negacionista e anticientífica, que podem suggestionar

⁵⁸ AMES, Bruna K.; MARTINS, Daniella S. M. Negacionismo científico, fundamentalismo religioso e pós-verdade: uma análise acerca dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico no contexto da necropolítica Brasileira. *Revista Relatórios de Pesquisa*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 1-76, 2021. p. 18.

⁵⁹ SILVA, Leodefane B. Terrorismo moderno e fundamentalismo religioso: uma era de incertezas no âmbito global. *Revista Akrópolis*, Akrópolis, v. 23, n. 2, p. 181-189, 2015. p. 183.

⁶⁰ GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 54.

⁶¹ GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela. *Por quem os sinos tocam*: reflexões acerca dos discursos negacionistas e os fundamentalismos religiosos em tempos de pandemia no Brasil – as configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos. Foz do Iguaçu: Claec, 2021. p. 14-15.

⁶² SIMMEL, Georg. *Religião*: ensaios. São Paulo: Olho d'Água, 2009. p. 37.

peessoas com ideologias extremistas.⁶³ Dessa forma, os indivíduos podem ter anuladas sua capacidade de autocritica e aversão à inovação e ao debate científico. Isto é, vigora a acriticidade, os discursos sem dimensão lógica plausível, os vocabulários limitados e a ausência reflexiva do que pensam os outros.⁶⁴

A religião encontrou um tecido social minado no negacionismo, fazendo com que o ceticismo usado pelos negacionistas obtenha sucesso. Alguns líderes religiosos se tornaram “mercadores da dúvida”, com preceitos religiosos e/ou ideológicos disseminados em muitas igrejas, semeando a dúvida científica e atacando as universidades e instituições escolares.⁶⁵

Flávia Amaro destaca que o negacionismo contemporâneo faz com que a religião não se apoie em uma visão de mundo coerente, senão em uma ilusão pseudocientífica.⁶⁶ Certezas e confirmações coletivas de um anseio individual em uma crença ilusória laica mascara a percepção correta e imediata da realidade social. Essa crença não objetiva consolidar o conhecimento real e científico por meio da coerência e do diálogo. Ela é heterogênea, fragmentada e se propaga com o suporte da *internet* e outros meios de comunicação, para atingir as instituições com teorias negacionistas.⁶⁷ Essa estratégia, explica Fabiano Rabelo, “pode se apoiar na fé religiosa, mas, na sua essência, prescinde dela. No entanto, ainda assim, o negacionismo possui muitas semelhanças com algumas práticas religiosas coletivas”⁶⁸.

Deve-se frisar que, enquanto em muitas religiões a iniciação à conversão de novos fiéis é uma diretriz essencial para o funcionamento em grupo, no negacionismo, essa característica não é um elemento imprescindível e predominante da comunidade religiosa. Todavia, quando o discurso negacionista se insere em meios religiosos mais extremados, torna-se uma estigmatização e a justificção para segregar quem não compartilha das mesmas convicções.⁶⁹ Essa visão torna o sujeito preso às ideologias inverídicas.

A preocupação central aqui está na perspectiva de como se dá essa participação humana na religião, que pode ser de humanizadora ou não, com líderes que se autoproclamam como

⁶³ RIBEIRO, Lucas M. O papel da religião no paradigma pré-moderno e suas consequências para o direito: a passagem da pré-modernidade para a modernidade e as visões acerca da religião nas teorias sociológicas de Durkheim, Marx e Weber. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, a. 25, n. 6098, p. 19-33, 2020. p. 21.

⁶⁴ SOUZA, Catiane; CHÉQUER, Priscila. Fundamentalismo religioso e político na pandemia: “é isso mesmo”, “e daí?”. *Caderno Teológico*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 123-137, 2021. p. 128.

⁶⁵ SEPULVEDA, José Antônio M.; MENDONÇA, Amanda A. Laicidade e pandemia em tempos conservadores. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 384-396, 2022. p. 387.

⁶⁶ AMARO, Flávia R. O avanço dos fundamentalismos e a ameaça à liberdade religiosa: uma discussão de caráter urgente e imprescindível. *Revista Ateo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 70, p. 816-832, 2022. p. 821.

⁶⁷ ROQUE, 2020, [n.p.].

⁶⁸ RABELO, Fabiano C.; MARTINS, Karla P. H. O negacionismo: uma leitura psicanalítica de o castelo Branco de o Pamuk. *Revista Ide*, São Paulo, v. 43, n. 72, p. 129-140, 2021. p. 129.

⁶⁹ AMES; MARTINS, 2022, p. 41.

porta-vozes das divindades. Com isso, essas lideranças distorcem a mensagem religiosa, segundo seus interesses, confundindo os oráculos e as observâncias com discursos negacionistas. Assim, o ser humano se torna ridículo, vazio de origem, sozinho no universo, sem questionar algo que explique sua origem e seu papel no universo: “não aceita uma consciência externa ao próprio humano”. Deus é reduzido à religião como manifestação social. Logo, a religião reduziu a ciência, cometendo reducionismo científico do pensamento.⁷⁰

Seria exagero dizer que a religião possui estratégias anticientíficas, mas, por outro lado, seria um engano negligenciar o quanto determinados discursos religiosos têm minado os consensos sobre o conhecimento científico. Atitudes negacionistas religiosas⁷¹, vêm adquirindo capilaridade e conquistando apoio popular, porque a crise de confiança produz um terreno fértil, e isso garante poder político e dominação de classes para quem dialoga com o ceticismo.⁷²

As estratégias apoiadas no ceticismo frutificam-se em um tecido social desgastado. Deve-se frisar que não há um interesse de apontar a ignorância ou a crença religiosa como culpada pela crise do crescimento do negacionismo, mas, deve-se evidenciar que os preceitos religiosos se tornaram uma indústria que especula sobre o comportamento e as necessidades das pessoas. Assim, os valores humanos e suas expressões são deixados à parte, não aceitando a opinião e a interpretação diversa, além da literalidade dos livros sagrados ou das difundidas por seus membros.⁷³

Não se está afirmando aqui que é prejudicial guiar-se por valores religiosos, como o respeito, o amor ao próximo, a solidariedade, a honra e outros. No entanto, é importante destacar que, muitas vezes, apesar de o discurso religioso acreditar estar aplicando uma interpretação literal dos dogmas e de seus livros sagrados, a realidade atual é que frequentemente há interesses pessoais ou ocultos de indivíduos ou grupos em relação a outros, utilizando os preceitos religiosos como referência.⁷⁴

Em outras palavras, defende-se que as ações humanas devem sempre ser orientadas pela verdade religiosa. Defende-se que a sociedade ideal é aquela que se submete à compreensão

⁷⁰ SOUZA; CHÉQUER, 2021, p. 131.

⁷¹ Para efeito de diferenciação de terminologias, o negacionismo científico pressupõe um fenômeno social com potencial para influenciar o comportamento humano e gerar consequências que podem ser nocivas para diversos contextos, como a educação, por exemplo. O negacionismo religioso evoca uma linguagem de poder que pode ganhar contornos religiosos – que pretendem justificá-lo – com o interesse de legitimar e consolidar projetos políticos comuns. Para mais detalhes, veja: LÓPEZ, 2023, p. 250-251. Consulte também: GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 52.

⁷² CHIZZOTTI, Antônio; ALMEIDA, Maria E. B. Currículo e utopias em meio ao negacionismo. *Revista Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-9, 2021. p. 6.

⁷³ ROQUE, 2020, [n.p.].

⁷⁴ REIS, Marcos V. F.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. *O sagrado em tempo de pandemia diálogos a partir do campo religioso brasileiro*. Rio de Janeiro: Nepan, 2021. p. 32.

dessa verdade religiosa. A partir desse princípio, as ações políticas e sociais se justificam, especialmente quando se trata de ideias de restauração de ensinamentos ortodoxos e obscurecidos, com valores que oferecem respostas para a vida, promovendo o crescimento da religiosidade sem reflexão, subvertendo valores de dominação, tradições e fé. Isso ocorre na tentativa de alterar as orientações do mundo, com a “nobre” intenção de recuperar supostos bons valores como família, honra, moral e bons costumes.⁷⁵ Porém, pervertem esses bons costumes se utilizando do negacionismo, quando confrontados com ideias antagônicas. Muitos dogmas religiosos têm contribuído para a disseminação do negacionismo.⁷⁶

Vive-se em uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não se compreende plenamente os eventos sociais e que se perde o controle. A *modernidade*⁷⁷ transformou as relações sociais e a percepção dos indivíduos em relação à fé.⁷⁸ Alguns preceitos têm fortalecido o sistema negacionista. A conduta religiosa busca moldar o mundo de acordo com sua visão, desconsiderando julgamentos e raciocínios científicos e questionando a possibilidade de qualquer pensamento científico ser considerado verdadeiro. Em outras palavras, eles semeiam a dúvida, pois não desejam que algo “ateu” ou a “ciência” transforme o mundo. Buscam, em vez disso, que sua visão do que é correto oriente o mundo com um certo ceticismo, suspendendo o julgamento crítico e induzindo a sociedade a considerar o conforto espiritual como a única forma válida de alcançar bem-estar. Essa conduta torna-se terreno fértil para o negacionismo.⁷⁹ Neste mesmo passo, Otávio Costa descreve o seguinte:

O sujeito transforma-se na espiritualidade, pois passa a buscar a verdade, no entanto o caminho que essa espiritualidade leva não é senão a verdade que lhe é dada. O sujeito mobiliza a si mesmo e práticas de si, incomoda e preocupa-se, inquieta-se, assim pressupondo a atividade filosófica por excelência transformando o sujeito. A espiritualidade é, portanto, “a busca, a prática, a experiência pelas quais o sujeito opera sobre si mesmo as transformações necessárias para ter acesso à verdade”. A

⁷⁵ PY, Fábio. Evangélicos, bolsonarismo e a pandemia fundamentalista. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 821-825, 2021. p. 823.

⁷⁶ PY, 2021, p. 823.

⁷⁷ Trata-se de um conceito amplo que designa simultaneamente um período histórico, formas de viver e um conjunto de ideias. O conceito aponta para as transformações na sociedade a partir do período do Renascimento, marcado pelo advento da razão humana, da ciência e da industrialização. Saiba mais em: GATTI, Bernardete A. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. *Revista Práxis Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 50, p. 1-16, 2022. p. 2-5.

⁷⁸ DIAS, Murilo P.; CUNHA, Isadora E. E. A.; BARJA, Paulo R. Fundamentalismo religioso e acirramento da intolerância no Brasil pandêmico: Freud explica. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (UNIVAP), XXIV, 2021, São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: (UNIVAP), 2021. p. 1-6. [pdf]. p. 3.

⁷⁹ AMES; MARTINS, 2022, p. 43.

espiritualidade é a transformação do sujeito que busca a verdade. No entanto, talvez não tenha acesso a ela.⁸⁰

Otávio Costa, quando trata da espiritualidade que a religião pode proporcionar em busca da verdade, percorreu um caminho filosófico, que ele entende que conduz à liberdade. Todavia, ele acredita que os preceitos religiosos contemporâneos perderam as bases filosóficas e não conduzem mais à busca pela verdade e pela liberdade, afirmando que “o poder que constitui o seu espírito é outro e atende a outros interesses. Estes interesses são o do poder e não a liberdade do sujeito”⁸¹.

Ocorre que há uma necessidade de a religião dialogar com seus preceitos fundamentais, tais como igualdade, liberdade e fraternidade, estimulando a participação e o bem-estar coletivo. É preciso discutir as melhores maneiras de conduzir a vida do indivíduo, cuidando de si mesmo, dos outros e na busca da própria verdade, pois, esta última representa um ato de reflexão inalienável na formação do indivíduo. De acordo com Fábio Py:

A liberdade pensada é sempre uma liberdade em movimento destinado a um fim, não é um ato final e sim um ato em permanente busca que emerge através do movimento prático para o intelectual e vice-versa. O sujeito só vai ser livre se e somente se exercitar sua crítica sobre si, sobre sua formação, sobre a sua subjetivação imposta pelos poderes ideológicos. Buscar a liberdade e a verdade é um ato agonístico de si para um novo ser. Ao buscar a liberdade há um rompimento ou uma busca com o rompimento com os poderes sócio-políticos-religiosos-econômicos e implica uma escolha de ser. O sujeito que atinge a verdade e sua liberdade é um sujeito sem sujeição, ou seja, livre, é mestre de si mesmo e o pode ser de outro.⁸²

Nas experiências humanas, o sujeito possui a capacidade de superar suas limitações e necessidades. Nas relações consigo mesmo e com os outros, presentes nos diversos níveis, como na religião, ele indaga sobre sua espiritualidade. Essa busca não deixa de ser uma demanda da verdade, embora não necessariamente a alcance.⁸³ Em outras palavras, a religião não atinge a verdade plena, pois ela não é um ato cognitivo. No entanto, a religião demanda que o indivíduo se modifique e questione seus valores. Assim, ela tem potencial para proporcionar uma possibilidade de autoquestionamento e de mudança. Auto interrogar-se e autoconhecer-se são caminhos no rastreio da verdade sobre si e sobre a situação que rodeia o sujeito.⁸⁴

⁸⁰ COSTA, Otávio B. R. Onde estamos? Considerações antropofilosóficas sobre ciência, cultura digital, negacionismo e revisionismo e a Covid 19. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, Icó, v. 3, n. 3, p. 1553-1567, 2020. p. 1562.

⁸¹ COSTA, 2020, p. 1562.

⁸² PY, 2021, p. 823.

⁸³ SILVA, Yask G. Fenômeno religioso: uma busca pela verdade. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 4, p. 345-353, 2012. p. 347.

⁸⁴ COSTA, 2020, p. 1562.

Na esfera religiosa, a busca pela verdade se manifesta no ser humano quando ele acredita em uma forma superior de vida que transcende este plano e que é responsável por criar todas as coisas. A religião, nesse sentido, define uma maneira de existir no mundo em que se expressa à busca por um significado para a existência. No entanto, surge um problema quando o apelo religioso se torna dominador para o sujeito, utilizando certos preceitos como instrumento de poder para impor uma identidade única do ser humano em relação ao seu meio. Isso se reflete no ataque da ciência pelo fundamentalismo religioso, que utiliza a fé das pessoas para propósitos deturpados. Os discursos religiosos, dessa forma, procuram questionar a ciência e diminuir sua credibilidade, promovendo a ideia de que deus pode curar tudo. Isso reforça o controle dos adeptos como elemento fundamental para a manutenção de seus interesses, aliando-se facilmente ao discurso negacionista.

Esse entendimento religioso facilmente chega à sala de aula. Segundo Otávio Costa:

A educação sofre com isso, cada vez mais há discursos terraplanistas, antivacina, antievolução, de repressão de assuntos sexuais, que combate a forma do professor dar aula, sobretudo no fundamentalismo religioso (em certa pesquisa científica entrevistei uma professora de artes, que deu máscaras africanas como atividade e alunos pentecostais, junto de seus pais se reusavam a fazer “máscaras demoníacas”, associando a cultura africana com o mal). Assim, cabe também a retomada da educação para não se deixar ceder por tais discursos, educando cada vez mais para as artes, ciências e humanidades e, sobretudo, para a cidadania.⁸⁵

Como lidar com essa situação? É fundamental perceber que a falta de interesse na ciência é o problema central, uma vez que as pessoas necessitam de mais diálogo, de serem ouvidas e de terem suas razões consideradas. Atender a essa demanda não é uma tarefa simples. Nos ambientes acadêmicos, é necessário que os pesquisadores melhorem a comunicação e intensifiquem a divulgação científica, promovendo assim uma maior alfabetização no conhecimento científico.⁸⁶

A maior riqueza da ciência não reside em suas certezas, e sim na maneira como ela se qualifica para lidar com as dúvidas. O ceticismo é uma exigência para todo cientista. Portanto, o ceticismo é mal-empregado ao caracterizar os negacionistas religiosos. Incertezas, perguntas, problemas e questões em aberto são as matérias-primas da ciência. É crucial utilizá-las para atrair o ceticismo religioso para o seu lado, apresentando perspectivas da religião na formação do ser humano, o que pode ser mais eficaz contra o ceticismo e o negacionismo do que

⁸⁵ COSTA, 2020, p. 1562.

⁸⁶ ROQUE, 2020, [n.p.].

apresentar verdades e certezas. Por isso, o conhecimento científico e a religião precisam caminhar de mãos dadas.⁸⁷

Notadamente, a relação entre religião e negacionismo científico é complexa, estando intimamente ligada ao ambiente social, cultural e político em que as pessoas estão inseridas. Uma lição que se pode extrair dos estudos apresentados é a necessidade de uma mudança de postura. Não é suficiente defender a ciência a partir de posições de autoridade, fundamentadas na superioridade ou na neutralidade do conhecimento científico. Sustentar uma verdade apenas porque é comprovada cientificamente pode reforçar a indiferença ou até mesmo instigar certa irritação. É imperativo estabelecer mais diálogo entre os princípios religiosos e adotar estratégias mais eficazes de convencimento, além de promover iniciativas de divulgação científica que estejam abertas à autocrítica.⁸⁸ Dessa maneira, parte-se para uma análise das relações que podem se estabelecer entre a religião e a ciência. Isso será realizado na seção subsequente.

1.4 Relações possíveis entre religião e ciência

As discussões sobre ciência e religião não são novas no cenário social. No entanto, tornam-se ainda mais necessárias e interessantes na contemporaneidade. Na busca pela compreensão da religião para além de uma fonte de paradigmas morais e conforto, percebe-se as religiões como produtoras de saberes e conhecimento. Isso, por sua vez, apresenta novos desafios para a relação entre ciência e religião, ambas sendo construções da experiência humana.⁸⁹ Ao articular essas relações, é possível adquirir *insights* para explorar questões históricas, políticas, sociais e epistemológicas que permeiam as construções humanas.

Ian Barbour aborda as possíveis relações entre ciência e religião. O autor argumenta que a religião e a ciência não são opostas, mas representam duas formas de interpretação do universo. Ele propõe quatro perspectivas para entender essa relação: conflito, independência, diálogo e integração. Ian Barbour defende que a religião, com sua visão moral, busca fornecer um sentido de vida mais transcendental, sem excluir as interpretações científicas, enquanto a ciência interpreta o universo a partir do experimento racional e objetivo, sem excluir a religião. Além disso, o autor discute a relação entre astronomia e criação, as implicações da física

⁸⁷ ROQUE, 2020, [n.p.].

⁸⁸ PERES, V. Ciência e religião como formas de conhecimento. In: FALCÃO, Eliane B. M. (ed.). *Fazer ciência, pensar a cultura: estudos sobre a ciência e a religião*. Rio de Janeiro: CCS; UFRJ, 2006. p. 145-178.

⁸⁹ PERES, 2006, p. 153.

quântica, a evolução e a criação contínua, a genética, a neurociência e a natureza humana, e a relação entre deus e a natureza. Ele enfatiza a importância do diálogo entre esses dois campos de conhecimento, que busca explicar o universo e a existência da vida.⁹⁰

As relações possíveis entre religião e ciência, conforme abordadas por Ian Barbour, podem ser sintetizadas de formas específicas, como será explicado agora. A perspectiva do *conflito* sugere que a religião e a ciência estão em oposição uma à outra. O conflito se manifesta em formas de naturalismo, que rejeitam a ideia de um deus pessoal, e na forma de intolerância religiosa, pode levar a perseguições e guerras em nome da religião. A perspectiva da *independência* defende que a religião e a ciência abordam diferentes aspectos da realidade e, portanto, são independentes. Nessa visão, elas usam linguagens complementares e não concorrentes, cada uma com seu próprio domínio de validade. A perspectiva do *diálogo* enfatiza a importância do diálogo entre a religião e a ciência. Os defensores do diálogo alegam o uso de conceitos científicos para reformular ideias tradicionais sobre as relações entre deus e o mundo, buscando uma abordagem mais integrada. A perspectiva da *integração* propõe que a religião e a ciência sejam integradas, concebendo deus de maneira complementar às descobertas científicas. Alguns autores buscam integrar categorias filosóficas da teologia com conceitos úteis da ciência, embora reconheçam a diversidade da experiência humana. Essas quatro perspectivas oferecem diferentes maneiras de entender e abordar a relação complexa entre a religião e a ciência.⁹¹

Em adição, pode-se enriquecer o debate atual com outras fontes literárias sobre o tema. Marciel Colonetti e Mário Sanches sugerem que a abordagem de Norberto Bobbio, ao examinar as diversas concepções de verdade, oferece aportes para promover um diálogo entre essas duas formas de conhecimento.⁹² Segundo os autores, ao investigar essa relação, é essencial inicialmente analisar seus aspectos históricos, pois, ao mencionar ciência e religião, é comum associar imediatamente a ideia de conflito ou polêmica. Contudo, ao examinar mais detalhadamente os contornos dessa relação, percebe-se que esse cenário de divergências não a representa de forma abrangente. A noção de conflito, na verdade, foi fundamentada por movimentos racionalistas do século XIX.⁹³

⁹⁰ BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix, 2004. p. 51-52.

⁹¹ BARBOUR, 2004, p. 54.

⁹² COLONETTI, Marciel; SANCHES, Mário A. Percepção das relações entre ciência e religião em contexto acadêmico. In: OLIVEIRA, Paulo E.; TESCAROLO, Ricardo (orgs.). *Ensaio sobre ciência e fé*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p. 75-98.

⁹³ COLONETTI; SANCHES, 2012, p. 78.

Cabe destacar que existe uma infinidade de ideias, crenças e religiões, tais como: o budismo, hinduísmo, judaísmo, cristianismo, islamismo e muitas outras. Dentro dessas tradições religiosas, encontra-se uma diversidade de pensamentos, variando desde os mais fundamentalistas e conservadores até aqueles mais abertos ao diálogo com outros conhecimentos e formas de pensamento, incluindo, nesse contexto, a ciência, que busca uma interpretação da palavra sagrada integrada à realidade atual. Além disso, uma parte significativa dos temas estudados pela ciência se relaciona harmoniosamente com diferentes pensamentos religiosos. Desde os primórdios da espécie humana, a religião coexiste ao mesmo tempo em que a ciência emerge na prática da experimentação individual. Ou seja, a crença religiosa de um cientista pode influenciar a pesquisa que ele realiza em sua busca pela verdade.

Adicionalmente, vale ressaltar que uma considerável parcela dos temas abordados pela ciência não apenas se relaciona, mas, também, convive harmoniosamente com os diversos pensamentos religiosos. Isso se deve ao fato de que, desde os primórdios da espécie humana, a interação com a religião tem sido uma constante, ocorrendo concomitantemente com o surgimento da prática científica baseada na experimentação individual. É relevante observar que essa coexistência proporcionou um terreno fértil para o enriquecimento mútuo entre ciência e religião. A crença religiosa de um cientista não apenas pode moldar a pesquisa que ele conduz em sua busca pela verdade, como também pode inspirar abordagens inovadoras e perspectivas que enriquecem o campo científico. Assim, a interação entre esses dois domínios não apenas é possível, mas, muitas vezes, contribui para uma compreensão mais ampla e integrada do mundo.⁹⁴

Historicamente, não se pode afirmar que a relação entre ciência e religião seja constantemente marcada por conflitos, tampouco pode ser considerada uma aliança amigável. Ao longo da história, essas esferas possuem elementos que podem dialogar entre si, destacando a necessidade de um estudo menos dogmático e mais matizado acerca dessa relação complexa. Desse modo, “é preciso conduzir uma análise que considere as nuances presentes na interação entre ciência e religião”⁹⁵.

Segundo Ian Barbour, ciência e religião devem coexistir na vida humana, e não há motivo para o conflito, pois elas desempenham funções distintas.⁹⁶ Ele argumenta que o sentido religioso da criação e sua história não se relaciona diretamente com as teorias científicas.

⁹⁴ GUILHERME, Alexandre A.; PICOLI, Bruno A. Escola sem partido: elementos totalitários em uma democracia moderna – uma reflexão a partir de Arendt. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-23, 2018. p. 11-12.

⁹⁵ GUILHERME; PICOLI, 2018, p. 13.

⁹⁶ BARBOUR, 2004, p. 56.

Embora a bíblia mereça respeito, Ian Barbour sugere que sua interpretação não seja, necessariamente, estritamente literal. O autor defende que esses temas podem dialogar pela inteligibilidade. Uma possível complementaridade entre ciência e religião poderia surgir com cuidado. Ao fomentar um diálogo mais próximo entre ambas, poderia emergir uma Teologia da Natureza mais propensa a se ajustar às descobertas científicas. Assim, a ciência incentivaria os teólogos a reformular sua abordagem interpretativa do texto sagrado, incorporando o conhecimento científico atual sem focar excessivamente nos elementos divinos ou restringir-se a uma leitura literal.⁹⁷

Segundo Ian Barbour, a relação entre religião e ciência não é de oposição, mas de coexistência, considerando que nenhuma delas é detentora da verdade absoluta. Enquanto a religião adota uma abordagem mais moralista, e, porque não, ética, visando proporcionar um sentido de vida mais transcendental, a ciência, por sua vez, oferece interpretações físicas, químicas e biológicas. Ambas as perspectivas são relevantes, já que a ciência interpreta o universo e suas relações por meio de experimentação racional e objetiva, sem excluir a dimensão religiosa.⁹⁸ O autor demonstra sabedoria ao não afirmar a certeza da posição religiosa nem da interpretação científica. Em vez disso, ele propõe um diálogo entre esses campos de saber e conhecimento, convergindo na busca pela explicação do universo e da existência da vida.

Assim como Ian Barbour, Celso Carias advoga pela superação da ideia de “conflito” e alcançar um encontro na relação entre religião e ciência. Segundo o autor, esses saberes são independentes, possuindo linguagens próprias e objetivas, sem intervenção necessária de um no domínio do outro.⁹⁹ Isso ocorre porque a ciência contém elementos metafísicos, dos quais ela não consegue abranger o conjunto de significados que podem emergir, ultrapassando, assim, o determinismo científico. Nesse contexto, boa parte da filosofia da ciência hoje aceita que uma afirmação pode ser justificada por outros campos de conhecimento e mecanismos que não estão restritos ao domínio científico. Ou seja, a ciência tem proporcionado oportunidades para que as religiões e a teologia ultrapassem o dualismo entre o espírito e a matéria. No pensamento de Saulo Gomes e Silvia Figueiro:

Assim sendo, aqueles que creem optam por uma experiência de sentido. Uma opção que não exclui pensar, duvidar, criticar. Um sentido que não deve estar em contraposição ao processo de construção do conhecimento humano. Por outro lado, o conhecimento humano, representado pelas ciências naturais, não precisa excluir a

⁹⁷ BARBOUR, 2004, p. 56.

⁹⁸ BARBOUR, 2004, p. 57.

⁹⁹ CARIAS, Celso P. Ciência e religião: chega de briga. *Revista CREatividade*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-5, 2013. p. 4.

religião para se afirmar na sociedade. Estamos todos de acordo, e aqui se pode incluir dois cientistas que não creem (E. WILSON E MARCELO GLEISER, por exemplo), que o planeta terra é a casa de religiosos e ateus, portanto como diria MARTIN LUTHER KING, ‘Temos de aprender a viver juntos como irmãos ou perecemos juntos como loucos’.¹⁰⁰

O fato é que a religião e a ciência apresentam distinções e semelhanças. Contudo, não se pode negar as relações múltiplas entre ciência, mito, religião e artes. As teorias e os conceitos científicos têm suas raízes nas crenças e especulações, de modo que hoje a sociedade vive uma espécie de ressurgimento do religioso, mostrando que o pensamento científico, tanto em sua origem quanto em seu desenvolvimento, sempre manteve uma estreita ligação com o mito, com o imaginário e com a religião.¹⁰¹

Uma corrente de cientistas contemporâneos procura estabelecer uma ponte entre os preceitos religiosos e científicos, destacando-se entre eles Fritjof Capra e Leonardo Boff. Fritjof Capra, por meio de descobertas na física, busca fundamentar o discurso religioso, enquanto Leonardo Boff relaciona conhecimentos da ecologia para propor um novo paradigma. Em resumo, a posição desses estudiosos sugere que a ciência pode apresentar argumentos plausíveis para a existência do espírito e vice-versa. Contudo, essa abordagem ainda enfrenta críticas de ambos os pontos de vista, tanto religioso quanto científico.¹⁰²

Apesar de existirem críticas sobre a possível relação entre ciência e religião, este pensamento considera que nenhum conhecimento é construído em uma única interpretação, e nenhuma forma de saber pode reivindicar ser melhor do que as outras. Dessa forma, Hilton Japiassu defende a necessidade de construir um mundo no qual seja possível a expansão de todas as ideias e saberes, permitindo que todas as pluralidades convivam. Acredita-se que, ao admitir que toda afirmação da ciência ou da religião é absolutamente verdadeira, cai-se em uma convicção dogmática, impondo a verdade aos outros e perdendo o diálogo. Em outras palavras, esses estudiosos buscam uma perspectiva que concilie religião e ciência fundamentadas no diálogo.¹⁰³

Norberto Bobbio é um dos autores que demonstrou que é possível ser tolerante sem ser cético, ao fornecer elementos sobre como a ciência e a religião, entre outras formas de

¹⁰⁰ GOMES, Saulo Q.; FIGUEIRO A, Silvia F. M. Ciência, religião e escola. *Revista de Filosofia e Ciências*, São Paulo, n. 25, p. 66-82, 2022. p. 68.

¹⁰¹ JAPIASSU, Hilton. Ciência e religião: articulação dos saberes. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (ed.). *Religião, ciência e tecnologia*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 105-133.

¹⁰² RICETO, Bernardo V.; COLOMBO, Pedro D. Diálogos entre ciência e religião: as temáticas sob a ótica de futuros professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 100, n. 254, p. 169-190, 2019. p. 173.

¹⁰³ ESTEVES, Tiago J. Q. *Teologia e ciência em diálogo: análise da trilogia A Scientific Theology de Alister E. McGrath*. Tese (Doutorado em Teologia) –Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2021. p. 31.

pensamento, podem se relacionar sem uma sobrepor à outra. Para ele, o caminho é questionar o conhecimento científico e buscar articulá-lo com outros saberes, explorando em suas bases epistemológicas os pontos de convergência entre ciência e religião.¹⁰⁴ Ian Barbour também destacou essa interseção, ao apresentar que a primeira forma de explicar os fenômenos naturais ocorre por meio do surgimento do mito. Para ele, mesmo com seu caráter religioso, o mito continha elementos que permitiam a explicação da natureza e dos fenômenos que ocorriam em torno de determinada civilização.¹⁰⁵

Nesse sentido, não há aqui o que se falar sobre quem estaria com a razão ou a verdade, nem a ciência nem a religião. Ted Peters e Gaymon Bennet deixam claro que, considerando a qualidade subjetiva que o termo “verdade” apresenta e as grandes limitações da própria natureza humana, o mais sensato é não buscar compreender o mundo em sua totalidade, nem pelos meios religiosos nem pelos meios científicos. Em vez disso, os autores propõem investigar “como Deus se relaciona com o humano e o mundo”¹⁰⁶, utilizando-se mesmo dos pressupostos científicos. Isso porque a religião e a ciência não são antagônicas, mas sim duas maneiras de interpretar o universo.¹⁰⁷

Na conclusão deste primeiro capítulo, destaca-se que a relação proposta entre ciência e religião, ao menos no âmbito da literatura especializada, tem sido encaminhada para uma reflexão na direção de uma convivência relativamente tranquila. Diante de todas essas considerações, é possível afirmar que os dogmas religiosos não abrangem a totalidade da vida religiosa, assim como as teorias científicas não incorporam tudo o que existe no âmbito científico. Ao olhar para o futuro dessa relação, percebe-se que o diálogo, tão enfatizado nos diversos níveis das relações humanas, especialmente no contexto do diálogo entre ciência e religião, só pode ser efetivamente estabelecido quando não é imposto por ninguém, mas surge naturalmente da vontade íntima de cada parte, de cada caminho. É possível que, dentro dos limites de cada um, ciência e religião venham a convergir, deixando de existir como entidades separadas e alcançando o essencial de ambas. Essa convergência pode representar, de alguma forma, uma aproximação à própria essência do ser humano e do mundo e, com isso, mitigar os efeitos do negacionismo científico.

¹⁰⁴ HARRISON, Peter. Ciência e religião: construindo os limites. *Revista Rever*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2017. p. 21.

¹⁰⁵ RODRIGUES, Marcel H. Ciência e religião, conciliáveis? *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 179-182, 2014. p. 181.

¹⁰⁶ PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon. *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Loyola; UNESP, 2003. p. 43.

¹⁰⁷ PETERS; BENNETT, 2003, p. 43-45.

Diante dessas considerações, o próximo capítulo apresenta o campo das Ciências da Religião como referencial para o Ensino Religioso, à luz dos pressupostos da BNCC. Nesse empreendimento, as competências, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades em torno do componente curricular de Ensino Religioso serão perscrutadas. Considera-se, de antemão, o desenvolvimento histórico do Ensino Religioso até sua consolidação como componente curricular no texto da BNCC. Esse esforço contribui para delinear hipótese acerca das lacunas e das fragilidades na BNCC relativas ao Ensino Religioso.



2 AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES E AS COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA O ENSINO RELIGIOSO

Neste capítulo, apresenta-se as Ciências da Religião como fundamentação epistemológica para o Ensino Religioso Escolar, que, por sua vez, está instituído pela BNCC. O objetivo corolário consiste em observar a existência de métodos dialéticos e fundamentalistas diante de uma perspectiva analítica da BNCC e sua contextualização atual para o Ensino Religioso. Procura-se, pois, apreciar as competências da utilização prática dos elementos que caracterizam o funcionamento dos arranjos possíveis, em termos de unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que embasam o movimento didático de transformação dos saberes das Ciências da Religião, no contexto do saber escolar, referentes ao currículo do Ensino Religioso. Para tanto, é imprescindível estruturar este capítulo levando em consideração a contextualização histórica do componente curricular de Ensino Religioso, desde os primórdios da educação religiosa no Brasil até a atual perspectiva pedagógica dele orientada pela BNCC.

2.1 O Ensino Religioso Escolar no contexto das Ciências das Religiões

Segundo Elisa Rodrigues, quando o objetivo é averiguar a relação entre Ciências das Religiões e Ensino Religioso, deve-se ignorar a auto evidência pressuposta, já que, apesar do objeto comum das duas áreas ser a religião, ou o fenômeno religioso, o início de seus estudos foi distinto. Inicialmente, o Ensino Religioso priorizava o empírico, distanciando-se do embasamento teórico e compreensivo a respeito da religião, isto é, não havia uma reflexão a respeito dele. No mesmo sentido, a autora considera que, tanto para a compreensão e implementação de uma área ou outra, faz-se necessário compreender as motivações históricas que contribuíram para que o Ensino Religioso se tornasse um componente curricular, porque sua trajetória de fundação caminhou no sentido do estabelecimento de implicações e propostas de um Ensino Religioso sob a orientação das Ciências das Religiões.¹⁰⁸

Desse modo, para estabelecer conexões entre o Ensino Religioso e as Ciências das Religiões, deve-se observar que o delineamento do Ensino Religioso no Brasil, muitas vezes, confunde-se com o contexto histórico e cultural nacional. No início da colonização do território brasileiro, a Igreja Católica Apostólica Romana foi muito expressiva com a chegada dos

¹⁰⁸ RODRIGUES, Elisa. Ciência da Religião e Ensino Religioso: efeitos de definições e indefinições na construção dos campos. *Revista Rever*, São Paulo, a. 15, n.2. p. 55-66, 2015. p. 59.

colonizadores portugueses e dos padres jesuítas. Naquele momento histórico, rejeitaram a cultura dos povos nativos com o intuito de evangelizá-los pela catequese. Essa era uma forma de expandir o cristianismo em novas terras, bem como o meio de educação adotado pelos lusitanos para impor aos povos indígenas sua cultura, conceitos e religião. Como se pode observar, no Brasil colônia, já existia uma relação estabelecida entre Estado e Igreja, cujo projeto de educação empreendido pelos jesuítas pautava-se mormente na intenção de catequizar, instruir e garantir a cristianização do país. Nesse sentido, aquele modelo de Ensino Religioso privilegiava o conteúdo doutrinário de acordo com os interesses da coroa.¹⁰⁹

Dito isso, é possível observar que, desde a colonização no território brasileiro, o Ensino Religioso constitui a educação do país. Mas, o Ensino Religioso passou por um longo processo e por distintos caminhos, sendo eles: o da confessionalidade, o da interconfessionalidade, o das religiões e o da religiosidade.¹¹⁰ Em defesa desse argumento, Eliane Freitas descreve que o componente curricular de Ensino Religioso sempre teve uma abordagem de tratamento distinta de outros componentes curriculares, uma vez que suas modificações foram se firmando a partir das alterações que sofrera nos diversos contextos históricos.¹¹¹ Para Frederico Pieper, o Ensino Religioso passou por modificações ao longo da história em virtude da área das Ciências das Religiões – originária do desenvolvimento da cultura, do pensamento e da sociedade europeia – que não colocava mais a religião como uma unidade isolada, mas a associava a outras esferas da vida em sociedade.¹¹²

Segundo Frederico Pieper, a partir do século XVII, a religião passou a ser vista com novos olhares, e, diante do resultado de um conjunto de fatores políticos, científicos, econômicos e sociais, a área de estudos acadêmicos sobre a religião pautou-se no pensamento reflexivo da descrição, da comparação, da interpretação e da explicação de textos, comportamentos, ideias, linguagens, instituições das mais variadas práticas e de tradições religiosas. Ou seja, a apreciação girava em torno de conceitos que afastavam a religião de uma perspectiva que a considerou apenas como um modo de vida.¹¹³

¹⁰⁹ STIGAR, Robson; MASSAMBANI, Vanessa R. *Ciência da Religião: um novo paradigma para o Ensino Religioso*. *Revista Acadêmica Online*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-82, 2012. p. 67.

¹¹⁰ STIGAR, Robson. *O tempo e o espaço na construção do Ensino Religioso: um estudo sobre a concepção do Ensino Religioso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. p.135-140.

¹¹¹ FREITAS, Eliane M. L. M. *Bem-me-quer, malmequer: um estudo sobre a presença do Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) –Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. p.31-38.

¹¹² PIEPER, Frederico. Entre o passado e o futuro: horizontes para a fenomenologia da religião. *Revista Religare*, Cidade Universitária, v. 19, n.2, p. 259-288, 2022. p. 263.

¹¹³ PIEPER, 2022, p. 263.

As Ciências das Religiões constituem uma área de investigação que busca sistematizar o conhecimento acerca do fenômeno religioso, e elas têm como base uma estrutura multidisciplinar constituída a partir do enfoque ao fenômeno religioso, englobando, em seu contexto, aspectos gerais de variadas ciências, tais como: a Sociologia, a Antropologia, a História, a Filosofia, a Psicologia, a Fenomenologia da Religião e a Teologia. Entretanto, essa área ainda é vista como uma disciplina empírica que investiga sistematicamente a religião em todas as suas manifestações, cujo seu elemento acionador seria o compromisso com o ideal da neutralidade – se isso for possível – frente à sua área de estudo, pois ela não questiona a verdade ou a qualidade de uma determinada religião, e sim a consequência das religiões para a mentalidade humana, buscando absorver os mais distintos métodos das ciências.¹¹⁴

Novamente, as Ciências das Religiões têm uma estrutura multidisciplinar. Trata-se de um campo de intersecção de várias subciências e ciências auxiliares. Em outros dizeres, a religião tornou-se um objeto de análise de sua razão, não sendo somente praticada, mas, também, tematizada criticamente, distanciando-se do cunho de uma mera dimensão social antecipadamente estabelecida e aceita. Ao assumir esse caráter, surge no processo de secularização da religião os saberes que a estudam para empreender nela as tentativas de compreendê-la nos limites da razão, de forma a abordá-la como produto humano e não mais a partir de elementos e/ou objetos que ultrapassam aquilo que a razão humana pode conhecer.

Nas palavras de Frederico Pieper:

Ciências da Religião, como estudo acadêmico da religião, assume que é possível essa abordagem desse objeto, afinal, a religião não tem a ver com instâncias inatingíveis pelo discurso científico, mas, uma vez que se articula na esfera intersubjetiva, ela assume dimensão pública, possibilitando a análise dos discursos e das práticas que estabelece. Diante da multiplicidade de modos de expressão e linguagens pelos quais a religião se articula (mitos, ritos, performances, dogmas, testemunhos etc.), buscam-se metodologias variadas para se abordar o tema.¹¹⁵

Diante desta concepção, a inserção das Ciências das Religiões forneceu uma perspectiva diferenciada para o componente curricular de Ensino Religioso, e esse novo modelo rompeu com a forma de interpretação catequisada e teológica da religião. Existem três modelos para o Ensino Religioso Escolar, segundo João Décio Passos: o catequético, o teológico e o modelo das Ciências das Religiões, que, no conjunto, pressupõem práticas e referenciais para a

¹¹⁴ SIQUEIRA, Rosângela S. Ensino Religioso e a Ciência da Religião na Educação Básica: a importância dos estudos regionais. In: REIS, Marcos V. F.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; SILVA, Rosângela S. (orgs). *Ensino Religioso x Ciência da Religião: práticas pedagógicas e a diversidade no contexto local*. Rio Branco: Nepan, 2020. p. 269.

¹¹⁵ PIEPER, Frederico. Ciências da Religião nas universidades públicas brasileiras: modelos de implementação e desafios. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 22-36, 2019. p. 30.

discussão epistemológica das tendências do Ensino Religioso no cenário brasileiro. Nas palavras de João Décio Passos:

Os três modelos têm sua concretização numa certa sequência cronológica. O modelo catequético é o mais antigo; está relacionado, sobretudo, a contextos em que a religião gozava de hegemonia na sociedade, embora ainda sobreviva em muitas práticas atuais que continuam apostando nessa hegemonia, utilizando-se, por sua vez, de métodos modernos. Ele é seguido do modelo teológico que se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada e sobre bases antropológicas. O último modelo, ainda em construção, situa-se no âmbito das Ciências da Religião e fornece referências teóricas e metodológicas para o estudo e o ensino da religião como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares.¹¹⁶

Nesse sentido, o modelo das Ciências das Religiões desloca o Ensino Religioso Escolar do âmbito das negociações entre as confissões religiosas com o Estado, porém, enfrenta maiores dificuldades para superar as estruturas confessionais e interconfessionais que ainda sobrevivem no cenário brasileiro. Na verdade, o novo modelo de Ensino Religioso Escolar visa uma autonomia epistemológica e pedagógica, tomando como conjectura a educação do cidadão e da cidadã como um todo, reconhecendo a religiosidade e a religião de forma multifacetária, sociocultural, antropológica, que deve ser relacionada em conjunto com outros ramos.

Dessa forma, o Ensino Religioso precisaria ser estruturado com conteúdos capazes de emergir do senso comum, das tradições religiosas e do acúmulo das pesquisas científicas, pois o ensino da religião e o seu estudo é tão imprescindível quanto à educação e à formação do cidadão.¹¹⁷ De acordo com Robson Stigar, essa perspectiva para o Ensino Religioso Escolar se deve ao fato de que, atualmente, a sociedade se encontra diante de um mundo complexo e plural e nenhum modelo de sistema religioso ou educacional engessado pode responder às diversas situações que os sujeitos vivenciam.¹¹⁸

Ao considerar a importância que o fator religião exerce na sociedade brasileira, vale destacar, compreender e se apropriar de uma reflexão maior do fenômeno religioso para a cultura e para a formação dos cidadãos e cidadãs. As Ciências das Religiões é considerada como um meio capaz de constituir e possibilitar esta prática reflexiva, pois elas demonstram um potencial para fomentar o aprimoramento da concepção do religioso como fenômeno de cultura ou objeto dela para o ser humano.¹¹⁹ No que diz respeito às diversificadas contribuições que as Ciências das Religiões podem acrescentar para o componente curricular de Ensino Religioso, Faustino Teixeira argumenta o seguinte:

¹¹⁶ PASSOS, João D. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 54.

¹¹⁷ STIGAR, 2009, p. 135-139.

¹¹⁸ STIGAR, 2009, p. 135-139.

¹¹⁹ TEIXEIRA, Faustino. O “ensino do religioso” e as Ciências da Religião. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 839-861, 2011. p. 843.

Em primeiro lugar, pode-se apontar a pista do *aperfeiçoamento do olhar e da escuta do mundo da alteridade*. Há aqui uma importante contribuição advinda da antropologia da religião, no trabalho de campo, que privilegia de forma singular o ‘ver’ e o ‘escutar’, a afinação das faculdades de ver e ouvir constitui um dos traços mais característicos do trabalho antropológico: ‘ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas [...] que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento’. O outro é sempre um enigma extremamente complexo, que resiste a qualquer apreensão simplificadora. Nesse sentido, compreender o outro é, antes de tudo, uma ‘arte’ que exige uma atitude de grande abertura e despojamento, e, sobretudo, uma sensibilidade hermenêutica, na medida em que a relação com o outro envolve sempre a possibilidade efetiva de uma ‘apropriação de outras possibilidades’ [grifo do texto].¹²⁰

Outra contribuição apresentada por Faustino Teixeira se refere à capacidade que as Ciências das Religiões têm de recuperar a força espiritual das religiões. Tendo em vista que a sociedade está num tempo marcado por tantos conflitos sociais e inter-religiosos, para o autor, as Ciências das Religiões contribuem para despertar o ser humano para uma visão reflexiva do religioso, demonstrando que não cabe mais, em tempos atuais, a afirmação de tantos dogmatismos e arrogâncias identitárias, uma vez que, para alcançar o conhecimento, precisa-se desentranhar as forças de renovação do espiritual, respeitando suas múltiplas formas de expressão e manifestação na sociedade. Ou seja, compreender as múltiplas tradições espirituais e religiosas não significa, em todo caso, que se deve estar plenamente de acordo com quem se compreende e se encontra em determinada religião. A exigência de tal igualdade seria uma utopia, explica Faustino Teixeira. Porém, segundo o pensamento dele, o ser humano pode pensar e ponderar o que o outro pensa, respeitando a diversidade e o diferente.¹²¹

Em outras palavras, exige-se apenas do ser humano o aprimoramento de seus conhecimentos teóricos sobre as religiões. E esse aperfeiçoamento deve estar irrigado de sensibilidade e da compreensão de que o outro poderia ter razão com o que diz e com o que propriamente sente em relação à sua experiência espiritual. As Ciências das Religiões contribuem, dessa maneira, para o componente curricular de Ensino Religioso, no sentido de favorecer os/as estudantes no processo de superação de certa mentalidade que insiste em adentrar em esferas particulares da experiência humana, limitando-se a criticar e a reduzir a experiência vivida pelo outro a uma mera recitação de observações exteriores e frias, quando se está, na verdade, em face do fenômeno religioso, que ainda representa um enigma das religiões.

Logo, pensar no componente curricular de Ensino Religioso a partir das concepções que emergem das Ciências da Religião significa ter em mente a necessidade de criar condições para

¹²⁰ TEIXEIRA, 2011, p. 854.

¹²¹ TEIXEIRA, 2011, p. 850-856.

o reconhecimento da alteridade e do respeito à dignidade. O estudo do fenômeno religioso deve possibilitar o exercício de uma dinâmica marcada por um profundo respeito às diversas convicções religiosas. Há que se respeitar profundamente o “destino espiritual” que marca a trajetória de cada ser humano, que tem o direito de procurar a verdade em matéria religiosa.

Desse modo, apreciar o Ensino Religioso como área de conhecimento equivale a refletir seus fundamentos epistemológicos e sua metodologia. Esses são aspectos que devem estar em constante reflexão, pelo fato de se tratar de uma área de conhecimento recente.¹²² Diante disso, as Ciências das Religiões representam um novo paradigma para o Ensino Religioso, o que traz um novo rumo, uma nova proposta, uma nova epistemologia para este componente curricular. Esse paradigma pavimenta caminhos para a fundamentação científica. Dessa forma, na próxima seção, discute-se sobre as competências específicas do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental, à luz do texto da BNCC.

2.2 Competências específicas do Ensino Religioso Escolar para o Ensino Fundamental

Diante dos debates relativos aos novos paradigmas voltados para o ensino das religiões, o Ensino Religioso foi inserido na BNCC, em 2017.¹²³ O Ministério da Educação (MEC) homologou a nova BNCC, englobando o Ensino Religioso como área de conhecimento do Ensino Fundamental, emitindo as diretrizes curriculares que definem as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades relativas ao Ensino Religioso.¹²⁴

Com efeito, o Ensino Religioso, na BNCC, deixou de ser apenas um componente curricular e passou a ser encarado como uma área do conhecimento, que visa contribuir para uma aprendizagem dos conhecimentos religiosos contextualizados, desenvolvendo habilidades e competências que podem contribuir para o diálogo inerente às perspectivas religiosas. Além disso, esse componente curricular promove a prática de respeito à liberdade, à diversidade e à cidadania.¹²⁵

A versão de 2017 da BNCC para o Ensino Religioso apresenta diretrizes para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. Segundo Taciana Santos, as competências

¹²² SOARES; STIGAR, 2016, p. 145-149.

¹²³ Essa inserção foi garantida após a realização de inúmeros debates, de modo que o Ensino Religioso ficou fora das duas primeiras versões da BNCC, sendo inserido apenas na versão publicada em 2017. Para mais informações, consulte: SANTOS, Taciana B. O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular: algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 37, n. 1, p. 1-18, 2021. p. 1-18.

¹²⁴ GOMES, Edilene B. Base Nacional Comum Curricular e Ensino Religioso. *Revista Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021. p. 8.

¹²⁵ SILVA, José C. O currículo e o Ensino Religioso na BNCC: reflexões e perspectivas. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 20, n. 44, p. 56-65, 2018. p. 59.

contidas na BNCC constituem um dos elementos essenciais capazes de disponibilizar um leque de conhecimentos a todos os estudantes da Educação Básica. Nas palavras da autora, “essa característica é um diferencial do documento, que visa corrigir a desigualdade de oportunidades através da oferta de conteúdos idênticos em todas as escolas”¹²⁶.

É importante frisar que, por se tratar de uma proposta curricular, a BNCC traz em seu contexto as competências gerais que devem ser aplicadas e observadas durante todo o processo educativo. Nela, cada área de conhecimento detém suas próprias competências específicas, e elas devem se comunicar com as competências gerais. Diante disso, por não se distinguir das demais áreas, o Ensino Religioso possui suas próprias competências específicas.¹²⁷

No decorrer dos nove anos previstos para o Ensino Fundamental, as áreas de conhecimento elencadas pela BNCC apresentam competências específicas que estão intrinsicamente ligadas às competências gerais da Educação Básica. A partir desse vínculo, a BNCC preconiza o caráter não-confessional do Ensino Religioso, indicando conteúdos com o potencial de tratar diversos conceitos, aspectos e manifestações. Além disso, a BNCC orienta que os conteúdos precisam ser abordados à luz dos pressupostos ético-científicos. Desse modo, as competências gerais da BNCC enfatizam que elas podem ser definidas como a movimentação de conceitos, procedimentos e conhecimentos, bem como das habilidades cognitivas, práticas, socioemocionais e atitudes e valores, no intuito de resolver demandas intrincadas à vida cotidiana, possibilitando o pleno exercício da cidadania no contexto social e no trabalho.¹²⁸ As competências específicas do Ensino Religioso voltadas para o Ensino Fundamental são as seguintes:

- 1) Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos;
- 2) Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios;
- 3) Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida;
- 4) Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver;
- 5) Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente;
- 6) Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.¹²⁹

¹²⁶ SANTOS, 2021, p. 7.

¹²⁷ FERREIRA, Renan C.; BRANDENBURG, Laude E. O Ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz. *Revista Caminhos*, Goiânia, v.17, n. 2, p. 508-522, 2019. p. 511.

¹²⁸ GOMES, 2021, p. 3-10.

¹²⁹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília: MEC, 2018a. p. 435.

Como apresentado no excerto acima, essas competências específicas servem como baliza para o Ensino Religioso no decorrer das etapas do Ensino Fundamental, e elas são estudadas progressivamente, conforme as habilidades e as competências propostas pela BNCC. Por essa razão, elas foram divididas em três unidades temáticas mais abrangentes, a saber: identidades e alteridades; manifestações religiosas e crenças religiosas e filosofias de vida. Sobre esse aspecto, segundo observou Dionísio Hatzenberger e Thaís Wenczenovicz, embora o texto da BNCC não apresente em seu contexto os fundamentos teóricos e a citação dos autores e autoras que embasaram seu arcabouço para o Ensino Religioso, notadamente, em uma análise dos principais conceitos neles apresentados e a serem abordados pelo Ensino Religioso no decorrer do currículo escolar, é possível observar que são conceitos oriundos de produções intelectuais diversas presentes em produções científicas de estudiosos e autores do campo das Ciências das Religiões.¹³⁰

De acordo com Laude Brandenburg, Fernando Campos e Pablo Souza, é através das competências gerais da BNCC que as competências específicas para o Ensino Religioso são elucidadas e unidas, de modo que apontam para a formulação das unidades temáticas que, por sua vez, buscam alcançar o objeto de conhecimento. Nas palavras desses autores e autora, “um dos princípios de coesão gerado pelas competências gerais, na área do Ensino Religioso, é a utilização de tecnologias para as aulas de ER na educação básica, ou seja, usar a competência geral”¹³¹.

É importante ressaltar que, a despeito das lacunas e fragilidades identificadas nesta pesquisa, a BNCC é um documento normativo nacional e, através dela, é a primeira vez que o Ensino Religioso recebeu orientações curriculares – constituídas de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades para serem desenvolvidas. Agora, na próxima seção, será feita uma análise das competências específicas da BNCC, no intuito de evidenciar possíveis lacunas e/ou fragilidades. Isso será realizado considerando, sobretudo, o componente curricular de Ensino Religioso.

¹³⁰ HATZENBERGER, Dionísio F.; WENCZENOVICZ, Thaís J. A epistemologia do Ensino Religioso: um estudo a partir da BNCC. In: FÓRUM DE REDE MUNICIPAL DE ENSINO (SENA), XVII, 2019, Novo Hamburgo. *Anais...* Novo Hamburgo: SENA, 2019. p. 18-27. [pdf]. p. 22.

¹³¹ BRANDENBURG, Laude E.; CAMPOS, Fernando B.; SOUZA, Pablo R. C. C. A contribuição das dez competências gerais da BNCC na área do ensino religioso: princípios normativos de coesão e esperança. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. XXVII, n. 94, p. 61-74, 2019. p. 65.

2.3 Análise das competências específicas da BNCC e suas possíveis lacunas

Como visto anteriormente, o modelo de Ensino Religioso defendido no Brasil, atualmente, está pautado na perspectiva das Ciências das Religiões, cujo conhecimento religioso deve ser entendido como patrimônio da humanidade e deve abordar diálogos e os conteúdos das diferentes tradições e matrizes religiosas e não religiosas. Ou seja, deve-se distanciar-se de uma reflexão acrítica, apolítica e monocultural. Contudo, apesar do currículo para o Ensino Religioso ter em suas concepções teóricas as Ciências das Religiões, esse componente curricular ainda possui algumas lacunas no âmbito das unidades temáticas, dos objetos de conhecimento e das habilidades.

A BNCC estrutura o currículo do Ensino Religioso em três unidades temáticas, quais sejam: identidades e alteridades, manifestações religiosas, crenças e filosofias de vidas. Para cada uma delas, relaciona-se os objetos de conhecimento e as habilidades que os/as estudantes devem desenvolver nas séries da Educação Básica, 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Contudo, observa-se que, na unidade temática identidades e alteridades – que trata das dimensões que possibilitam que os seres humanos se relacionem entre si, com a natureza, considerando-se num conjunto de relações tecidas entre os contextos históricos-sociais, percebendo a apropriação e produção cultural – somente aparece nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, mostrando-se ausente em momentos posteriores.¹³²

A unidade manifestações religiosas aparece do 1º ao 4º ano, retornando pontualmente no 7º ano do Ensino Fundamental. Crenças religiosas e filosofias de vida, por sua vez, surge pela primeira vez no 4º ano, permanecendo até o 9º ano, sendo a única unidade temática trabalhada na maior parte dos anos – 5º, 6º, 8º e 9º ano. Além disso, há uma grande diferença quantitativa de objetos e habilidades entre as unidades temáticas de Ensino Religioso.¹³³

Notadamente, atribuiu-se maior relevância para a unidade temática crenças religiosas e filosofias de vida, depois, para a unidade temática manifestações religiosas e, por último, identidades e alteridades. Ou seja, há um foco maior na análise do conhecimento religioso, objeto do conteúdo na BNCC, sobretudo em relação ao pensamento expresso nas crenças e filosofias em função das práticas presentes nas manifestações religiosas.¹³⁴

¹³² GONZALES, Keila P.; DIAS, Romulo. O Ensino Religioso na BNCC: o estudo do fenômeno religioso na escola pública brasileira. *Revista Temas de Educação*, João Pessoa, v. 31, n. 1, p. 193-212, 2022. p. 196.

¹³³ SANTOS, 2021, p. 9.

¹³⁴ GONZALES; DIAS, 2022, p. 199-205.

Para além dessa hipótese incipiente, uma análise quantitativa dos dados pode sugerir que tenha sido atribuída maior importância à unidade temática crenças religiosas e filosofias de vida – com trinta e quatro habilidades –, seguida por manifestações religiosas – com dezoito habilidades –, e, por último, por identidades e alteridades – com onze habilidades. Nesse caso, pode-se supor que o foco de análise do conhecimento religioso, objeto do conteúdo na BNCC, seja o pensamento expresso nas crenças e filosofias em detrimento das práticas presentes nas manifestações religiosas.¹³⁵ O quadro a seguir exhibe os dados supramencionados, observe:

Quadro 1. Fragilidades identificadas nas unidades temáticas da BNCC¹³⁶

Unidade temática	Habilidades
Identidades e alteridades	(EF01ER01) - Identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós. (EF01ER02) - Reconhecer que o seu nome e o das demais pessoas os identificam e os diferenciam. (EF01ER03) - Reconhecer e respeitar as características físicas e subjetivas de cada um. (EF01ER04) - Valorizar a diversidade de formas de vida. (EF01ER05) - Identificar e acolher sentimentos, lembranças, memórias e saberes de cada um. (EF01ER06) - Identificar as diferentes formas pelas quais as pessoas manifestam sentimentos, ideias, memórias, gostos e crenças em diferentes espaços. (EF02ER01) - Reconhecer os diferentes espaços de convivência. (EF02ER02) - Identificar costumes, crenças e formas diversas de viver em variados ambientes de convivência (EF02ER03) - Identificar as diferentes formas de registro das memórias pessoais, familiares e escolares (fotos, músicas, narrativas, álbuns...).
	(EF02ER04) - Identificar os símbolos presentes nos variados espaços de convivência.

¹³⁵ BRASIL, 2018a, p. 435-452.

¹³⁶ Adaptado de: BRASIL, 2018a, p. 442-459.

Manifestações religiosas	(EF02ER05) - Identificar, distinguir e respeitar símbolos religiosos de distintas manifestações, tradições e instituições religiosas. (EF02ER06) - Exemplificar alimentos considerados sagrados por diferentes culturas, tradições e expressões religiosas. (EF02ER07) - Identificar significados atribuídos a alimentos em diferentes manifestações e tradições religiosas. (EF03ER01) - Identificar e respeitar os diferentes espaços e territórios religiosos de diferentes tradições e movimentos religiosos. (EF03ER02) - Caracterizar os espaços e territórios religiosos como locais de realização das práticas celebrativas. Manifestações religiosas Práticas celebrativas. (EF03ER03) - Identificar e respeitar práticas celebrativas (cerimônias, orações, festividades, peregrinações, entre outras) de diferentes tradições religiosas. (EF03ER04) - Caracterizar as práticas celebrativas como parte integrante do conjunto das manifestações religiosas de diferentes culturas e sociedades. Indumentárias religiosas. (EF03ER05) - Reconhecer as indumentárias (roupas, acessórios, símbolos, pinturas corporais) utilizadas em diferentes manifestações e tradições religiosas. (EF03ER06) - Caracterizar as indumentárias como elementos integrantes das identidades religiosas. (EF04ER01) - Identificar ritos presentes no cotidiano pessoal, familiar, escolar e comunitário. (EF04ER02) - Identificar ritos e suas funções em diferentes manifestações e tradições religiosas. (EF04ER03) - Caracterizar ritos de iniciação e de passagem em diversos grupos religiosos (nascimento, casamento e morte). (EF04ER04) - Identificar as diversas formas de expressão da espiritualidade (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação) nas diferentes tradições religiosas. Representações religiosas na arte. (EF04ER05) - Identificar representações religiosas em diferentes expressões artísticas (pinturas, arquitetura, esculturas, ícones,
---------------------------------	---

	símbolos, imagens), reconhecendo-as como parte da identidade de diferentes culturas e tradições religiosas. Crenças religiosas e filosofias de vida Ideia (s) de divindade (s). (EF04ER06) - Identificar nomes, significados e representações de divindades nos contextos familiar e comunitário. (EF04ER07) - Reconhecer e respeitar as ideias de divindades de diferentes manifestações e tradições religiosas.
Crenças e filosofias de vida	(EF05ER01) - Identificar e respeitar acontecimentos sagrados de diferentes culturas e tradições religiosas como recurso para preservar a memória. Mitos nas tradições religiosas (EF05ER02) - Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas. (EF05ER03) - Reconhecer funções e mensagens religiosas contidas nos mitos de criação (concepções de mundo, natureza, ser humano, divindades, vida e morte). Ancestralidade e tradição oral. (EF05ER04) - Reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos. (EF05ER05) - Identificar elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, afro-brasileiras, ciganas, entre outras. (EF05ER06) - Identificar o papel dos sábios e anciãos na comunicação e preservação da tradição oral. (EF05ER07) - Reconhecer, em textos orais, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver. (EF06ER01) - Reconhecer o papel da tradição escrita na preservação de memórias, acontecimentos e ensinamentos religiosos. (EF06ER02) - Reconhecer e valorizar a diversidade de textos religiosos escritos (textos do Budismo, Cristianismo, Espiritismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, entre outros). Ensinamentos da tradição escrita. (EF06ER03) - Reconhecer, em textos escritos, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver. (EF06ER04) - Reconhecer que os textos escritos são utilizados pelas tradições religiosas de maneiras diversas.

Crenças e filosofias de vida	(EF06ER05) - Discutir como o estudo e a interpretação dos textos religiosos influenciam os adeptos a vivenciarem os ensinamentos das tradições religiosas. Símbolos, ritos e mitos religiosos. (EF06ER06) - Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e movimentos religiosos. (EF06ER07) - Exemplificar a relação entre mito, rito e símbolo nas práticas celebrativas de diferentes tradições religiosas. (EF07ER01) - Reconhecer e respeitar as práticas de comunicação com as divindades em distintas manifestações e tradições religiosas. (EF07ER02) - Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos). Lideranças religiosas. (EF07ER03) - Reconhecer os papéis atribuídos às lideranças de diferentes tradições religiosas. (EF07ER04) - Exemplificar líderes religiosos que se destacaram por suas contribuições à sociedade. (EF07ER05) - Discutir estratégias que promovam a convivência ética e respeitosa entre as religiões. Crenças religiosas e filosofias de vida. Princípios éticos e valores religiosos. (EF07ER06) - Identificar princípios éticos em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais. Liderança e direitos humanos. (EF07ER07) - Identificar e discutir o papel das lideranças religiosas e seculares na defesa e promoção dos direitos humanos. (EF07ER08) - Reconhecer o direito à liberdade de consciência, crença ou convicção, questionando concepções e práticas sociais que a violam. (EF08ER01) - Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas. (EF08ER02) - Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus princípios éticos. Doutrinas religiosas.
-------------------------------------	---

Crenças e filosofias de vida	(EF08ER03) - Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte. Crenças, filosofias de vida e esfera pública. (EF08ER04) - Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia). (EF08ER05) - Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública. (EF08ER06) - Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções. Tradições religiosas, mídias e tecnologias. (EF08ER07) - Analisar as formas de uso das mídias e tecnologias pelas diferentes denominações religiosas. (EF09ER01) - Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida. (EF09ER02) - Discutir as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da análise de matérias nas diferentes mídias. Vida e morte. (EF09ER03) - Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes. (EF09ER04) - Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de diferentes ritos fúnebres. (EF09ER05) - Analisar as diferentes ideias de imortalidade elaboradas pelas tradições religiosas (ancestralidade, reencarnação, transmigração e ressurreição). Princípios e valores éticos (EF09ER06) - Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana.
Crenças e filosofias de vida	(EF09ER07) - Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida. (EF09ER08) - Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.

A partir da perspectiva da BNCC e da necessidade de uma apropriação crítica e positiva de seus elementos, encontram-se as segunda e terceira competências específicas, que preconizam o seguinte: “reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida”¹³⁷. Essa competência poderia ser abordada como unificação das unidades temáticas, pois ela articula a complexidade e a necessidade de compreensão dos processos relativos à vida com possibilidades de inserção das ciências, uma vez que traz consigo a influência dos conhecimentos científicos na transformação do ser humano ao longo de sua história, desenvolvendo argumentações e posicionamentos frente aos desafios cotidianos.¹³⁸

Outra fragilidade identificada na BNCC é a ausência do desenvolvimento de sequências de ensino pautadas na investigação a partir da competência supramencionada, bem como das habilidades previstas no decorrer das unidades temáticas. Essa carência tem a ver com a oferta de contribuições valiosas em relação ao enfrentamento de problemas sócio científicos, capazes de possibilitar uma reelaboração e uma visão crítica por parte dos/as estudantes acerca das ciências, já que se faz necessário o desenvolvimento de sujeitos mais conscientes no que diz respeito às pressões e às demandas sociais. Nesse contexto, os conteúdos conceituais relacionados à valoração da vida humana, a biodiversidade, a história e a filosofia das ciências podem ser explorados de forma mais ampla pelo viés da investigação das Ciências das Religiões.¹³⁹

O reconhecimento da própria identidade e da alteridade, nesse caso, seria importante para a adoção de um posicionamento pessoal sobre o tema, sem, contudo, desrespeitar os demais. Considerando conjuntamente a forma de dispersão das unidades temáticas ao longo dos anos do Ensino Fundamental, bem como os aspectos quantitativos que envolvem os objetos de conhecimento e as habilidades de cada unidade temática, confirma-se a existência de uma trajetória de desenvolvimento das competências almejadas na BNCC. O processo educativo inicia com a percepção das diferenças e da construção de uma identidade, prosseguindo com o reconhecimento de ações e práticas ligadas ao fenômeno religioso, mas, desenvolve-se em direção à compreensão do pensamento religioso ou filosófico que motiva os indivíduos em suas ações.

¹³⁷ BRASIL, 2018a, p. 452.

¹³⁸ JORGE, Wellington J.; TERUYA, Teresa K.; SOUZA, Izaque P. *Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): possibilidades e desafios*. Canoas: SBECE, 2017. p. 23-25.

¹³⁹ BAPTISTA, Mauro R. O Ensino Religioso e a nova Base Nacional Comum Curricular. *Revista Religare*, Cidade Universitária, v. 16, n. 1, p. 228-263, 2019. p. 233.

Na habilidade EF01ER05¹⁴⁰ – cuja proposta consiste em identificar e acolher sentimentos, lembranças, memórias e saberes de cada um, bem como as diferentes formas pelas quais as pessoas manifestam sentimentos, ideias, memórias, gostos e crenças em diferentes espaços –, denota-se uma hipossuficiência aclaratória de que é possível nesse contexto analisar e discutir modelos, teorias e leis propostas em diferentes épocas e culturas, no intuito de comparar distintas explicações sobre o surgimento, a formação e a evolução da vida do ser humano, a partir das teorias científicas aceitas atualmente. Além disso, é possível encontrar uma importante contribuição a partir do Ensino Religioso, de modo que as teorias que explicaram a origem da vida ao longo do tempo sejam compreendidas à luz das diferentes culturas, manifestações religiosas e, simultaneamente, sejam confrontados os posicionamentos atuais, que geralmente recuam em relação às explicações aceitas cientificamente, favorecendo um posicionamento crítico dos/as estudantes.¹⁴¹

Esta tese pode ser corroborada mais uma vez através da análise do vocabulário escolhido para a construção das habilidades em cada unidade temática descrita na BNCC. Por exemplo, em identidades e alteridades, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, são utilizados verbos que compõem um campo semântico próprio do tema, a saber: identificar, acolher, reconhecer, valorizar, distinguir, respeitar, caracterizar. A unidade crenças religiosas e filosofias de vida apresenta um vocabulário mais amplo entre as três, ou seja, é a única que utiliza verbos que remetem à reflexão e à tomada de posição pessoal: analisar, debater e construir.¹⁴²

A principal fragilidade localizada na BNCC é a seguinte: para o Ensino Religioso, não há menção da importância do conjunto de divulgação científica, assim como é mencionado ao longo do documento para outros componentes curriculares. Isso demonstra que há uma necessidade desse componente curricular incorporar as diversas áreas de conhecimento a serem trabalhadas na sala de aula, uma vez que elas podem ser contextualizadas de forma social, histórica, cultural e científica. Essa perspectiva está presente nas competências específicas e nas habilidades da área, já que a unidade temática identidade e alteridade – percepção da diferença – possibilita que os/as estudantes aprendam a estruturar discursos argumentativos que lhes permitam avaliar e comunicar os conhecimentos produzidos para diversos públicos, em contextos variados, através da habilidade EF01ER04 – “Valorizar a diversidade de formas

¹⁴⁰ O texto da BNCC define um conjunto de habilidades para o Ensino Religioso nos diferentes anos do Ensino Fundamental. Saiba mais em: BRASIL, 2018a, p. 442.

¹⁴¹ FREITAS, 2018, p. 37.

¹⁴² SANTOS, 2021, p. 11-14.

de vida” –, ao passo que se pode implementar propostas de intervenção pautadas em evidências, conhecimentos científicos e princípios éticos e sociais responsáveis.¹⁴³

A BNCC apresenta uma proposta alicerçada no desenvolvimento de competências e habilidades que, em conjunto, apontam para o pensamento crítico e divergente em seus pressupostos. No que diz respeito ao campo curricular do Ensino Religioso, o texto da BNCC assume uma abordagem investigativa que valoriza o protagonismo dos/as estudantes no processo de aprendizagem. Em uma análise das competências gerais e específicas da BNCC para o Ensino Religioso, nos eixos temáticos e nas habilidades, notadamente, não resta aclarado que, por meio das competências específicas de número 4, 5 e 6, o/a professor/a desse componente curricular pode estabelecer diálogos que normalmente se apresentam nas redes sociais, de maneira concreta e não abstrata, como demonstram as habilidades. Nesse sentido, os/as estudantes podem observar e conseguir estabelecer diálogos em sala de aula, a partir das ideologias religiosas e da intolerância à diversidade disseminada nesses contextos, e, a partir disso, gerar um pensamento de tolerância com o diferente, com o conhecimento sobre si e dos seres humanos.

Em geral as competências preconizadas pela BNCC contribuem para a mitigação do negacionismo científico, pois pressupõem o diálogo entre religião e ciência. Ou seja, o texto da BNCC incentiva a análise do fenômeno religioso a partir de uma perspectiva crítica e valoriza o diálogo entre religião e conhecimento científico. Depreende-se que esse tipo de abordagem contribui para a compreensão de que ciência e religião não são instâncias opostas, mas podem coexistir e complementarem-se. Diante dessas considerações, o próximo capítulo reflete exatamente sobre o diálogo entre religião e ciência, mas fará isso a partir do contexto escolar, apresentando os resultados do estudo de caso realizado em uma escola localizada no Município de Cariacica-ES.

¹⁴³ BRANDENBURG; CAMPOS; SOUZA, 2019, p. 72.

3 O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA PROFISSIONAL

O objetivo deste último capítulo consiste em apresentar a proposta profissional da pesquisa. Isso será feito a partir da abordagem do estudo de caso realizado no contexto da EMEF Rosa da Penha, no Município de Cariacica-ES. O estudo de caso foi realizado em duas etapas distintas, a saber: realização de uma oficina de debates e aplicação de questionários para os/as estudantes. Após a análise do estudo de caso, explora-se a possibilidade de integrar as unidades temáticas, os objetos do conhecimento e as habilidades no currículo do Ensino Religioso, à luz da BNCC, reconhecendo a coexistência das perspectivas científicas e religiosas nos sujeitos, na tentativa de demonstrar a possibilidade de promover um diálogo construtivo entre ciência e religião, através desse componente curricular.

A oficina de debates realizada na escola pesquisada pretendeu mostrar que o teor das *fake news* e pós-verdade se manifestam no ambiente escolar. A partir disso, foi possível problematizar essas questões e promover um debate sobre possíveis formas de enfrentamento e combate, considerando a relevância social desse esforço. A aplicação dos questionários para os/as estudantes revelou uma diversidade de perspectivas quanto à origem da vida, crenças e dúvidas em relação à ciência e à religião, o que reforça a importância de promover um ambiente de aprendizado aberto e crítico em respeito às diferentes visões de mundo dos/as estudantes com incentivos ao desenvolvimento de um pensamento analítico, crítico e reflexivo. O capítulo reforça, portanto, que o diálogo entre ciência e religião surge como um elemento essencial nesse processo, possibilitando abordagens pedagógicas para mitigar a negação contumaz e promover uma educação mais inclusiva e ampla.

3.1 Apresentação do estudo de caso na EMEF Rosa da Penha

O estudo de caso em questão propôs a realização de uma oficina de debates sobre diversos aspectos que envolvem negacionismo científico na sociedade. Isso inclui as teorias conspiratórias, a disseminação de *fake news* e a reverberação de pós-verdades, ressaltando a influência que esses fenômenos exercem na sociedade e as consequências que deles acarretam. O objetivo corolário consiste em problematizar tais questões e discutir possíveis formas de enfrentamento. Através desses debates, busca-se evidenciar como a instrução e a educação podem esclarecer equívocos e combater ideias errôneas na sociedade contemporânea. Muitas vezes, essas ideias são propagadas por crenças populares que podem recorrer aos fundamentos

religiosos para sustentar convicções contrárias em relação ao conhecimento científico. Isso coloca em dúvida as recomendações estatísticas, médicas e outras baseadas em evidências científicas sólidas.

No ambiente escolar, a ciência deve ser abordada em conjunto com as dimensões históricas, sociais e culturais, estabelecendo diálogos sem perder de vista os valores e as emoções dos/as estudantes. Logo, para transformar a educação e combater a desconfiança, é crucial politizar o currículo escolar. Isso significa torná-lo um instrumento de construção de significados, em nível individual e coletivo. Além disso, é essencial promover a alfabetização científica e política dos/as estudantes.¹⁴⁴

O diálogo surge como o principal meio para abordagem de temas controversos que envolvem a educação científica e a formação cidadã. Essas reflexões podem fundamentar novas práticas na educação, permitindo a formação de indivíduos mais engajados em todas as esferas da vida em sociedade. Compreende-se que esse é um princípio fundamental no combate à desinformação.¹⁴⁵

O diálogo entre ciência e religião no ambiente escolar não se trata de referências à uma determinada religião, mas trata-se de articular o Ensino Religioso a partir das concepções das Ciências das Religiões. Essa abordagem do fenômeno religioso considera as culturas e as tradições religiosas, a partir de um referencial crítico, contribuindo para o desenvolvimento da razão e para dissuasão de ilusões e inverdades sedimentadas. Nesse sentido, considerar propostas pedagógicas para superar o negacionismo científico e combater a disseminação de ideias equivocadas é uma prática fundamental para o ambiente educacional, em que se formam pensamentos críticos e reflexivos.

O estudo de caso foi realizado com os/as estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, no turno vespertino, em uma escola localizada no Município de Cariacica-ES. A partir do trabalho proposto em sala de aula, foi sugerida uma aula conjunta com os/as docentes de Ciências e de Ensino Religioso sobre um dos temas mais polêmicos do currículo deste componente curricular, que se relaciona à origem do mundo. Inicialmente, foi elaborado um plano de aula em forma de oficina conjunta.

A professora de Ciências apresentou o conteúdo sobre a origem do mundo, segundo a perspectiva científica. Em seguida, o professor de Ensino Religioso abordou sobre o entendimento das religiões acerca da origem do ser humano e da vida na Terra. Esse enfoque considerou as diferentes maneiras de enxergar o mundo, considerando o pluralismo de

¹⁴⁴ CHIZZOTTI; ALMEIDA, 2021, p. 6.

¹⁴⁵ D'ANCONA, 2018, p. 39-40.

interpretações que permeiam as escolas teóricas, as crenças e as tradições religiosas ao longo dos séculos. Foram exploradas as tentativas de explicar as origens da vida, conforme as tradições e crenças de diferentes religiões, como o cristianismo, o hinduísmo e outras vertentes religiosas.

A ideia de apresentar essa proposta aos/as estudantes surgiu a partir de uma reflexão acerca do papel do/a docente de Ensino Religioso, que busca integrar novos aspectos do seu componente curricular com outras áreas do saber. Ao estabelecer uma ponte com o componente curricular de Ciências, abriu-se um caminho para discutir o valor do conhecimento analítico e sua relação com um amplo movimento ultraconservador que prevalece na sociedade.

O propósito da oficina consistiu em discutir os aspectos que envolvem as relações entre ciência e religião, considerando como o conservadorismo religioso, muitas vezes, contribui para o negacionismo científico. A partir disso, buscou-se identificar modos de enfrentamento a partir do Ensino Religioso, aproveitando as habilidades e as competências de seu currículo, segundo as orientações da BNCC.¹⁴⁶ Essa abordagem foi especialmente relevante para o trabalho desenvolvido pelos/as profissionais da educação, em particular os/as docentes do componente curricular Ensino Religioso.

Desse modo, o objetivo da oficina foi oferecer, em um primeiro momento, discussões e debates sobre o tema que abrange a origem da vida. Os/as professores/as de Ciências e do componente curricular de Ensino Religioso buscaram contribuições da literatura especializada, vídeos e outros elementos, tais como, a abordagem pedagógica para os/as participantes, com o objetivo de tratar o assunto em sala de aula e promover a superação das ações persistentes que levam algumas pessoas a negar um fato amplamente estudado e comprovado.

Em relação aos aspectos procedimentais, para organizar a aula conjunta, os/as professores/as de Ensino Religioso e Ciências realizaram dois encontros preparatórios. No primeiro encontro, decidiu-se quais turmas participariam da oficina, considerando a faixa etária dos/as estudantes. Com base na complexidade do tema e na necessidade de compreensão adequada, optou-se por envolver quatro turmas de 9º ano, do Ensino Fundamental II, cada uma com uma média de 35 estudantes, totalizando 133 participantes.

Como já dito, o estudo foi realizado em uma escola pública localizada em uma região periférica do Município de Cariacica-ES. A escolha dessa instituição deu-se pela facilidade de condução da pesquisa, uma vez que a autora atua como professora de Ciências nesta escola. Após a elaboração da aula em colaboração com o professor de Ensino Religioso, foram

¹⁴⁶ BRASIL, 2018, p. 435-452.

aplicadas entrevistas estruturadas com questionários de múltipla escolha para os/as estudantes. O objetivo consistiu em coletar informações gerais sobre o tema discutido na oficina e compreender a percepção deles/as sobre a relação entre ciência e religião.

Os questionários foram aplicados virtualmente, por intermédio do *Google forms*, consistindo em 15 questões fechadas e de múltipla escolha. Os dados foram tabulados, usando a estatística descritiva e as ferramentas disponíveis no próprio aplicativo *Google forms*. Os gráficos foram gerados para uma melhor visualização dos resultados obtidos e serão apresentados mais adiante. Além disso, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema da pesquisa, incluindo artigos, teses e dissertações recentes relacionadas ao tema do negacionismo científico no ambiente escolar e concernente às metodologias de combate a ele. Considerou-se, nesse empreendimento metodológico, abordagens sobre o papel do Ensino Religioso, sobretudo aquelas que emergem do campo das Ciências das Religiões.

Através dessas análises, foi possível explorar a maneira como os/as estudantes percebem e interagem com os conceitos que permeiam a relação entre ciência e religião. Além disso, compreendeu-se melhor como eles/as interpretam e assimilam o conhecimento científico diante do cenário de proliferação de *fake news* e pós-verdades. Com essas informações em mãos, pode-se traçar estratégias específicas sobre como o componente curricular de Ensino Religioso pode desempenhar um papel efetivo na mitigação e prevenção da disseminação da desconfiança em relação à ciência e à religião na sociedade.

O raciocínio apresentado exemplifica como a ciência pode integrar-se ao cotidiano dos/as estudantes, mesmo durante as aulas de Ensino Religioso, ou a religião pode inserir-se nas aulas de Ciências, sem que isso implique no afastamento ou na relativização da religião. É essencial que o ambiente escolar proporcione aos/as estudantes um ensino capaz de valorizar o saber sem imposição e exclusões e, ao mesmo tempo, respeitar e incentivar a exploração dos saberes das práticas religiosas sem interferir os processos de formação cultural e crença. Em outras palavras, a abordagem científica dos fenômenos do mundo não deve ser percebida como antidemocrática ou contrária ao diálogo, e sim como um guia crítico aos demais saberes, promovendo uma educação mais ampla e inclusiva.¹⁴⁷

Como bem observa Le Bon, as opiniões das multidões não se baseiam necessariamente na razão, e seus meios de afirmação não são o diálogo, mas sim a repetição e o contágio, resultando na invariabilidade de certas crenças gerais.¹⁴⁸ Por essa razão, quando os discursos anticientíficos entram em jogo, é crucial resolver as visões de mundo divergentes que podem

¹⁴⁷ CHARLOT; CHARLOT, 2021, p. 12.

¹⁴⁸ LE BON, 1985, p. 12.

gerar conflitos. Na mesma intensidade, quando dos discursos antirreligiosos adentram as aulas de Ciências, deve-se esforçar-se para solucionar tais mundividências com o objetivo de estabelecer a relação de diálogo e complementariedade. É nesse contexto que foi proposta a realização da oficina, e o primeiro passo objetivou promover um diálogo entre ciência e religião, reconhecendo que elas podem coexistir com limites e momentos críticos sem que uma exclua a outra.¹⁴⁹

A partir das respostas obtidas através da aplicação dos questionários para os/as estudantes, percebe-se que a religião aborda diversos contextos, incluindo o tema sobre a origem da Terra e as diferentes crenças religiosas no mundo. Esses cenários proporcionam oportunidades para integrar o pensamento científico. Logo, é fundamental que o/a professor/a de Ensino Religioso compreenda as percepções dos/as estudantes sobre a ciência e a religião, de modo a discutir estratégias para combater o negacionismo científico sem fundamentos.

O/a professor/a pode incentivar os/as estudantes à construção e à produção do conhecimento como uma busca constantemente de novas abordagens pedagógicas para serem aplicadas em sala de aula. É importante enfrentar temas controversos a partir de várias perspectivas, considerando que diferentes questões podem surgir durante a interação com os/as estudantes. Por isso, apresentar diferentes formas, ideias e propostas pedagógicas permite que todos/as participem de discussões dialogadas, com vistas a encontrar soluções para mitigar o negacionismo científico e restaurar a dignidade da ciência na escola, com ênfase na relação dialógica entre religião e ciência.

Nesse caso, tratou-se de uma oficina que combinou abordagens qualitativas e quantitativas. Priorizou-se uma avaliação subjetiva, mas, também, foram coletados dados estatísticos. Após a coleta de dados, utilizou-se uma análise descritiva, que permitiu a comparação dos resultados com a literatura existente sobre o tema. A utilização de questionários se justificou pelo fato de que, segundo Antônio Gil, eles representam o meio mais rápido e econômico de obtenção de informações.¹⁵⁰ Além disso, esse recurso não requer um treinamento específico por parte do/a entrevistador/a, porque são de fácil compreensão e garantem o anonimato dos/as respondentes. Os questionários podem ser aplicados em diversos segmentos da população e permitem a obtenção de dados facilmente tabuláveis e quantificáveis. Por essas razões, são considerados a técnica mais adequada em pesquisas de opinião. Dessa forma, na seção subsequente, os dados obtidos na pesquisa serão apresentados e analisados.

¹⁴⁹ BARBOUR, 2004, p. 56.

¹⁵⁰ GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 37.

3.2 Apresentação e análise dos dados da pesquisa

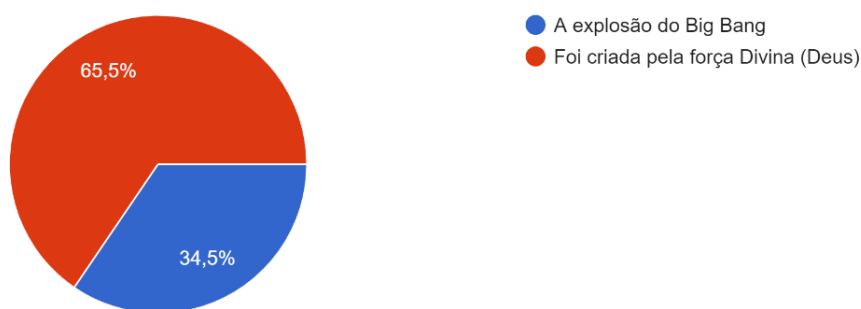
Como mencionado na seção anterior, após a realização da oficina em sala de aula, os/as estudantes foram convidados a preencher um questionário. Este instrumento de coleta de dados foi elaborado com o intuito de explorar o entendimento deles/as sobre o conteúdo abordado na oficina, de modo que foram orientados/as sobre como deveriam responder às perguntas elaboradas. A análise das respostas obtidas será apresentada a seguir.

Em relação às perguntas direcionadas ao conhecimento científico e religioso, a primeira delas abordou acerca da origem da vida na Terra. Nessa questão, 65,5% dos/as estudantes responderam que a vida na Terra começou por intervenção divina, que eles/as identificaram como o Deus cristão, conforme o gráfico abaixo exhibe:

Gráfico 1. Origem da vida na Terra¹⁵¹

1 - QUAL A MAIOR PROVA QUE A TERRA TEVE UM INICIO - ORIGEM DA VIDA NA TERRA :

113 respostas



As respostas dadas pelos/as estudantes evidenciam a influência das crenças religiosas dos/as estudantes sobre a forma como percebem a origem da vida. Esse aspecto destaca a importância de discutir e compreender as diferentes perspectivas que envolvem a relação entre ciência e religião no ambiente educacional.

No tocante à questão sobre o que existia antes do *Big Bang*, 65,2% dos/as estudantes responderam que não havia nada, pois, segundo eles/as, Deus ainda não tinha criado a Terra. Em relação à preferência entre criacionismo e a evolução, aproximadamente 61,6% deles/as indicaram que acreditam que o ser humano não evoluiu, mas que fora criado exatamente como é agora por Deus, conforme demonstra o gráfico a seguir. Por outro lado, quando os/as

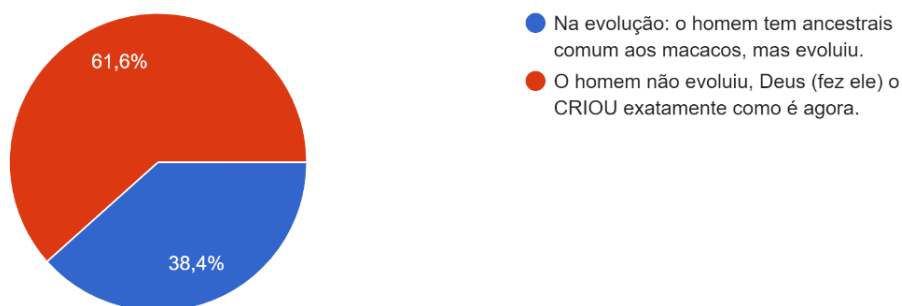
¹⁵¹ Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

estudantes foram questionados/as se o ser humano desenvolveu a capacidade de evoluir e modificar seu ambiente, 89,3% deles/as responderam afirmativamente. Observe o gráfico:

Gráfico 2. Evolução e criacionismo¹⁵²

3 - QUAL DAS IDEIAS É MAIS ACEITAVEL PARA VOCÊ?

112 respostas



Esses resultados destacam as diferentes perspectivas e crenças entre os/as estudantes do 9º ano em relação à origem e à evolução da vida. Logo, as respostas coletadas demonstram e reforçam a complexidade do tema e a importância de abordá-lo, de maneira aberta e inclusiva, no ambiente educacional.

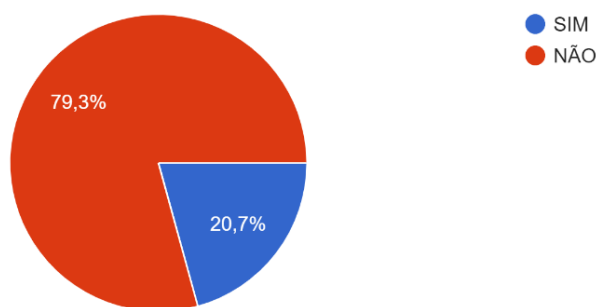
No que concerne às perguntas relacionadas ao negacionismo científico e à disseminação de conteúdos na mídia, os resultados foram os seguintes: quando questionados/as se acreditavam na possibilidade de a Terra ser plana, 90,1% dos/as estudantes responderam não. Em relação à preferência em não ouvir falar da origem da vida no planeta, com base no conhecimento científico, para não desacreditarem na religião, 18,9% dos/as estudantes indicaram essa opção, enquanto que 81,1% afirmaram que ouvem com atenção, fazem perguntas, questionam e gostam de saber sobre as possibilidades. Quando perguntados/as se poderia existir outra explicação para o surgimento da vida além do criacionismo, 79,3% responderam negativamente, ao passo que 20,7% responderam afirmativamente. Isso pode ser observado no próximo gráfico:

¹⁵² Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Gráfico 3. Possibilidade de outras teorias para o surgimento da vida na Terra¹⁵³

11 - VOCÊ ACREDITA NA POSSIBILIDADE QUE A TERRA PODE NÃO TER SIDO CRIADA POR UM ÚNICO DEUS, MAS POR VÁRIOS (DEUSES), E QUE...ARA SEU SURGIMENTO, ALÉM DO CRIACIONISMO?

111 respostas



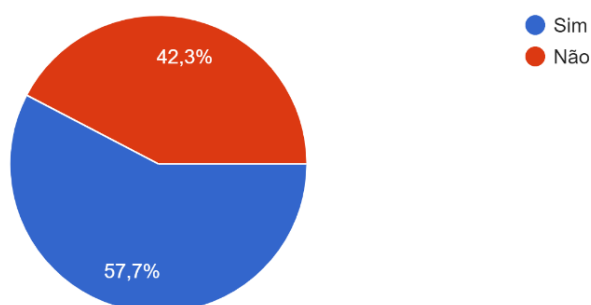
Os resultados supraexibidos demonstram uma variedade de perspectivas entre os/as estudantes em relação ao tema, ressaltando a importância de promover um ambiente de aprendizado aberto e crítico.

Em relação à existência de dúvidas sobre as descobertas científicas, tais como, a eficácia das vacinas e a possibilidade de vida em outros planetas, 42,3% dos/as estudantes responderam que não tinham dúvidas, enquanto 57,7% indicaram que sim. Isso pode ser visualizado no gráfico abaixo:

Gráfico 4. Dúvidas sobre as descobertas científicas¹⁵⁴

8 - Você tem dúvida sobre as descobertas científicas? tais como: a eficácia das vacinas, a existência de outros planetas e possibilidade de vida neles?

111 respostas



Os resultados exibidos no gráfico destacam a importância de abordar esses temas de maneira esclarecedora e educativa, fornecendo informações confiáveis e incentivando a curiosidade científica na escola. Quanto à existência de dúvidas sobre descobertas científicas,

¹⁵³ Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

¹⁵⁴ Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

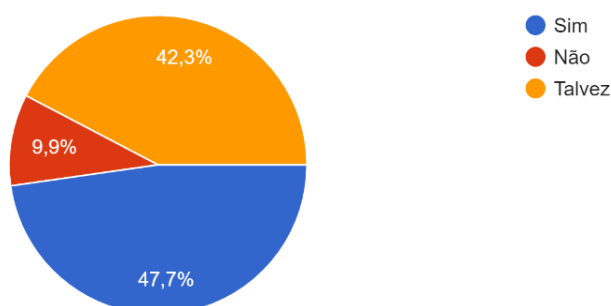
como a eficácia das vacinas e a possibilidade de vida em outros planetas, 57,7% afirmaram não ter dúvidas, enquanto 42,3% indicaram ter.

Em resposta à pergunta sobre a possibilidade de acreditar em Deus e na ciência, ao mesmo tempo, 47,7% dos/as estudantes responderam que sim, ao passo que 42,3% disseram talvez e 9,9% responderam não, conforme é apresentado no próximo gráfico. Veja:

Gráfico 5. Ciências e religião¹⁵⁵

7 - VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL ACREDITAR EM DEUS E NA CÊNCIAS AO MESMO TEMPO?

111 respostas



Esses resultados destacam, novamente, a complexidade das crenças e das perspectivas dos/as estudantes em relação à religião e à ciência. Esse aspecto reforça que as concepções negacionistas podem alterar não apenas a visão da ciência, mas retomar os valores ligados à família e aos costumes conservadores, podendo, assim, ditar o que os/as estudantes religiosos veem como verdade, atrelando-a às circunstâncias nas quais os fatos e os objetivos possuem menos capacidade de moldar a opinião dos sujeitos que os apelos religiosos e as crenças pessoais.¹⁵⁶

Em relação às aulas de Ensino Religioso, questionou-se se o/a professor/a desse componente curricular abordava diferentes temáticas. Cerca de 90,2% responderam afirmativamente. Em seguida, questionou-se se o/a professor/a já havia abordado outros temas, tais como, a origem da vida através da crença de outros povos, durante as aulas de Ensino Religioso. Cerca de 72,3% dos/as estudantes responderam que sim. Quanto à abordagem de outras crenças, culturas, respeito à intolerância religiosa e à diversidade de pensamento e manifestações durante as aulas, 89,2% deles/as afirmaram que sim, enquanto 10,8% responderam negativamente.

¹⁵⁵ Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

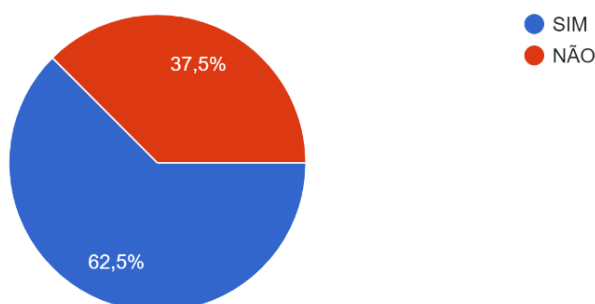
¹⁵⁶ GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 54.

Questionou-se, ainda, se após assistirem ou ouvirem uma notícia afirmando que determinada religião não acredita na eficácia e no conhecimento científico da vacina, por exemplo, eles/as tomariam a vacina mesmo assim. A maioria dos/as estudantes, isto é, cerca de 89,3%, respondeu afirmativamente, mas, 10,7% indicaram que acreditariam na notícia e não tomariam a vacina.

Questionou-se, também, se os/as estudantes seguiam ou utilizavam os ensinamentos religiosos para tomar decisões na vida, ou seja, se a religião influenciava em suas decisões. Aproximadamente 62,5% responderam que sim, enquanto 37,5% responderam que não. Isso pode ser visto no gráfico subsequente:

Gráfico 6. Influência da religião na tomada de decisões dos/as estudantes¹⁵⁷

14 - VOCÊ SEGUE OS ENSINAMENTOS RELIGIOSOS QUANDO VAI TOMAR DECISÕES NA SUA VIDA? COMO, SE VACINAR OU NÃO, ACREDITAR EM DETERMINADA COISA OU NÃO?
112 respostas



Os resultados obtidos através das respostas dadas pelos/as estudantes evidenciam as diferentes maneiras pelas quais eles/as vivenciam e interagem com a religião, no âmbito de suas vidas e no ambiente escolar.

Diante da análise do questionário aplicado, torna-se evidente que a relação entre ciência e religião, para os/as estudantes participantes da pesquisa, matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental II, assemelha-se a qualquer relação com o conhecimento. Trata-se de uma interação que abarca o mundo em sua complexidade. Os/as estudantes constroem múltiplas mediações técnicas, simbólicas e sociais derivadas de compreensões transmitidas ao longo de diversas gerações, e delas se apropriam para interpretar o mundo, como é o caso da religião. Portanto, ao estabelecer uma relação entre o saber científico e o religioso, é necessário agir com cautela na assimilação de certas formas de relacionamento com os saberes, com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

¹⁵⁷ Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Observa-se que, embora os/as estudantes declarem acreditar na erudição e nas descobertas científicas, muitas vezes, pela influência da religião, eles/as recusam outras possibilidades, pontos de vista, observações e resultados de experimentações, mesmo quando são controlados e certificados por uma comunidade acadêmica. Essa recusa pode refletir uma resistência em revisitar ou questionar as próprias convicções e crenças arraigadas, evidenciando a complexidade e a delicadeza que estão envolvidas na integração entre ciência e religião no contexto educacional.

A pesquisa apontou que a participação em atividades educativas é uma condição crucial e fundamental para os processos de ensino-aprendizagem, visando o desenvolvimento integral dos/as estudantes, especialmente em relação à sua criticidade e autonomia. No contexto das temáticas relacionadas ao currículo de Ensino Religioso, é importante abordar diversas áreas do saber, atribuindo relevância aos temas e argumentações que integrem o conhecimento científico com outras áreas de estudo.

Uma observação interessante é que os/as estudantes pesquisados não demonstraram dúvidas em relação aos preceitos religiosos, enquanto questionaram os ensinamentos científicos, especialmente quando se tratava da origem da vida. Deus – a divindade do cristianismo – foi amplamente considerado como a principal razão, e a religião foi vista como o mecanismo que, por uma complexa produção simbólica presente na cultura social, une os seres humanos em uma base comum. Com efeito, os preceitos e os ensinamentos religiosos têm uma presença significativa no cotidiano dos/as estudantes pesquisados/as e influenciam suas decisões em relação à crença ou não na instrução técnica e como aplicá-la na vida diária.

Mário Miguel, Leandro Santos e Leonardo Souza empreenderam um estudo para observar a grande influência da religião nas concepções sobre a origem da vida e teorias evolutivas. Para esses autores, as pessoas podem não compreender adequadamente o conceito de conhecimento científico, pois, para elas, uma vez que a ciência não oferece *absolutos* e sua instrução é provisória e sujeita à revisão com base em novos fatos e evidências, a fé na existência divina não se enquadra nas mesmas condições. Na religião, não é necessário ter evidências corroborativas, pois, a fé é a base principal em que se acredita.¹⁵⁸

Por vezes, isso leva ao entendimento de que ciência e religião são conceitos distintos e não podem coexistir ou dialogar, o que pode explicar a percepção dos/as estudantes de que não é possível acreditar em Deus e na ciência em simultâneo. Essa visão distancia-se da proposição

¹⁵⁸ MIGUEL, Mário L.; SANTOS, Leandro J.; SOUZA, Leonardo A. Algumas percepções de estudantes do Ensino Médio sobre ciências, pseudociência e movimentos anticientíficos. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 191-222, 2022. p. 213.

de Ian Barbour de que ciência e religião são domínios diferentes e não interferem um no outro, pois, tratam de assuntos distintos e utilizam metodologias diferentes.¹⁵⁹ Este é um dos princípios que os/as estudantes precisam compreender, durante as aulas de Ensino Religioso, de modo que este componente curricular consiga explorar seu conteúdo sem afastar os/as estudantes de novas descobertas científicas.

Não se está afirmando aqui que o currículo do Ensino Religioso deve favorecer e abraçar ideias evolucionistas ou do cristianismo. Destaca-se que as habilidades e as competências devem guiar os/as estudantes rumo a um pensamento analítico. Esse deve ser um instrumento orientador da prática pedagógica, baseando-se não apenas em saberes religiosos, mas, também, em elementos concretos que permeiam o cotidiano dos/as estudantes. É fundamental que haja um foco na cognição a partir das questões que fazem parte do universo social dos/as estudantes.

Torna-se relevante compreender que as explicações de caráter científico podem coexistir com outras explicações e crenças consolidadas pelos/as estudantes, evitando, assim, o surgimento de dificuldades no aprendizado ao conflitar concepções religiosas prévias com o discernimento científico, afastando-os de evidências do cotidiano. Esta tentativa de incrementar o conflito entre os conhecimentos baseia-se, em grande parte, nas polêmicas envolvidas nessas questões, em virtude da disseminação de informações incompletas, fragmentadas ou deficientes sobre a finalidade da ciência e da educação, o que pode levar à prática do descrédito desenfreado.¹⁶⁰

Não é incomum, na sociedade e no ambiente escolar, observar que a temática em torno da relação entre ciência e religião é abordada predominantemente em uma perspectiva de conflito. Quando essa situação ocorre no espaço educacional, isso indica que as percepções científicas são mal compreendidas tanto pelos/as estudantes quanto pelos/as professores/as. Em uma compilação dos trabalhos publicados em seis edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), foi constatado que apenas 1,4% dos trabalhos apresentados se referiam a essa temática, e que metade desses trabalhos destacava que as questões relacionadas aos conflitos entre ciência e religião eram de cunho religioso.¹⁶¹ Por isso, é importante identificar as crenças e sua possível influência na compreensão das teorias científicas.

¹⁵⁹ BARBOUR, 2004, p. 43.

¹⁶⁰ FASKOMY, Thayana L.; MENDES, Marta F. A. Relações entre os aspectos científicos e religiosos no ensino de evolução biológica: uma abordagem sócio-histórica na sala de aula. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA (UEPB), XVI, 2018, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: UEPB, 2018, p. 1-17. [pdf]. p. 13.

¹⁶¹ PEIXOTO, Cintia T. B. Ciência e religião: um mapeamento de artigos nacionais que abordam a relação entre esses campos. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 169-187, 2021. p. 171.

Outro estudo mostrou, igualmente, que, na escola, podem existir concepções inadequadas sobre o conhecimento científico, predominando visões empíricas, indutivas e absolutistas de discussões promovidas por influentes setores religiosos da sociedade. Em geral, são os grupos que possuem representatividade política e tentam impor suas crenças como política de governo nos espaços formais de educação, acirrando os conflitos.¹⁶² No componente curricular Ensino Religioso, a ingerência desses grupos se faz sentir, tentando impor um currículo confessional e excludente.¹⁶³ Diante dessas considerações, a próxima seção apresenta uma proposta a ser articulada a partir do componente curricular de Ensino Religioso, considerando as orientações da BNCC, no intuito de atender o aspecto profissional da pesquisa.

3.3 Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades no currículo do Ensino Religioso: um arranjo possível

Da mesma maneira que os estudos realizados por Cláudia Sepúlveda e Charbel El-Hani, parte-se do pressuposto de que as perspectivas científicas e religiosas coexistem nos sujeitos. Desse modo, diversas abordagens são contempladas na estratégia didática proposta.¹⁶⁴ Diante desse vasto universo repleto de indagações, elabora-se, nesta seção, uma sequência didática para examinar a interação entre os aspectos científicos e religiosos no contexto escolar.¹⁶⁵

Admite-se a independência entre religião e ciência, no entanto, propõe-se que, apesar dessa autonomia, seja possível estabelecer um diálogo rico entre ambas as áreas. Essas trocas podem explorar diferentes aspectos, tais como as justificativas religiosas dos pressupostos e os limites científicos, assim como os paralelos metodológicos entre ciência e religião. Ian Barbour, por exemplo, menciona as possibilidades de aplicação do modelo de Thomas Kuhn – originalmente concebido para a história da ciência – à história das religiões, além de uma espiritualidade centrada na natureza.¹⁶⁶

Ao considerar o currículo, percebe-se como esse documento se configura como um campo de disputas pelos interesses dos diversos grupos, muitas vezes externos à escola, em

¹⁶² GOMES, Saulo Q.; FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ciência, Religião e Escola. O que dizem as pesquisas? *Revista Prometeica*, São Paulo, n. 25, p. 66-82, 2022. p. 73.

¹⁶³ Em 2017, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela constitucionalidade do Ensino Religioso nas escolas públicas nacionais, que aceita a confessionalidade do Ensino Religioso nas escolas públicas. Saiba mais em: STF. *STF conclui julgamento sobre Ensino Religioso nas escolas públicas*. 27 set. 2017. [online]. [n.p.].

¹⁶⁴ SEPÚLVEDA, Cláudia; EL-HANI, Charbel. Quando visões de mundo se encontram: religião e ciência na trajetória de formação de alunos protestantes de uma licenciatura em ciências biológicas. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 137-175, 2004. p. 141.

¹⁶⁵ FASKOMY; MENDES, 2018, p. 11.

¹⁶⁶ BARBOUR, 2004, p. 54. Ver também: GOMES; FIGUEIROA, 2022, p. 66-82.

diferentes momentos históricos e países. Ao reconhecer o currículo como um campo de disputas ideológicas, é importante destacar a relevância do tipo de abordagem adotada. Nesse sentido, é fundamental ressaltar a posição de diferentes autores/as que defendem o respeito à religiosidade dos/as estudantes e argumentam que o objetivo do ensino em relação ao conhecimento científico deve ser o entendimento, e não a mudança de crença.¹⁶⁷

Neste contexto, ao considerar um currículo para o Ensino Religioso, é essencial incorporar a concepção de Paulo Freire, que enfatiza o respeito ao/a estudante como pessoa. Segundo Paulo Freire, quando o/a estudante é valorizado/a como sujeito ativo, ele/a deixa de ser apenas um receptor passivo de informações e passa a desempenhar um papel ativo na construção do seu próprio saber.¹⁶⁸ A autonomia do pensamento surge na medida em que os/as estudantes se tornam sujeitos ativos, capazes de pensar, refletir, interagir e agir na sociedade de maneira consciente, pois eles/as adquirem a inteligência holística necessária para compreender o mundo ao seu redor.¹⁶⁹

É nesse contexto que o Ensino Religioso precisa ser proposto e promover o diálogo e o respeito para estimular as relações que se desenvolvem no ambiente da sala de aula. Deve-se essencial considerar nesse espaço a prática da escuta e da dialogicidade, bem como o estímulo ao posicionamento crítico-reflexivo, característico desse campo de conhecimento complexo e desafiador. Nesse sentido, torna-se imprescindível estabelecer condições para repensar e organizar o currículo do Ensino Religioso, de modo a atuar no ensino para incentivar a investigação.

Na contemporaneidade, as competências e as habilidades preconizadas pela BNCC exigem que o Ensino Religioso não seja confundido com a educação religiosa externa ao ambiente escolar. Deve-se promover, através desse componente curricular, a necessidade de novas práticas pedagógicas nesse contexto. As competências devem estar voltadas para o desenvolvimento do senso crítico dos/as estudantes, com ênfase em aspectos políticos e culturais, bem como devem estar fundamentadas em uma metodologia interativa e dialógica entre os saberes religiosos mediados pelas Ciências das Religiões e o conhecimento científico. Isso proporcionará aos/as estudantes a oportunidade de refletirem sobre suas próprias ações e contribuições no ambiente em que vivem, especialmente em relação às demandas coletivas.

¹⁶⁷ TEIXEIRA, Pedro. Ensino de evolução e religiosidade dos estudantes: reflexões para a prática pedagógica. *Revista da SEnBio*, São Paulo, n. 7, p. 6161-6172, 2014. p. 6165.

¹⁶⁸ FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 15.

¹⁶⁹ ROCHA, Hélida C. *Concepção de professores de Ensino Médio em Ceilândia*: Distrito Federal sobre as teorias criacionista e evolucionista e sua influência no ensino. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. p. 25.

O diálogo entre o Ensino Religioso e o conhecimento científico deve partir da premissa de considerar os/as estudantes na escola como sujeitos capazes de reconhecer o mundo, os outros e a si mesmo, com suas diferenças, crenças e conhecimentos, sem perder de vista a reflexão crítica. O Ensino Religioso deve prepará-los/as para dialogar com as demais ciências, abordando tanto questões religiosas quanto não religiosas que permeiam as relações sociais. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que os/as estudantes estão inseridos/as em uma sociedade na qual o ensino deve buscar a reflexão, a conscientização e a transformação dos saberes, afastando-se do preconceito e da intolerância.¹⁷⁰

Uma questão que se verifica na BNCC é a ampla abordagem da divulgação científica, que se concentra principalmente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza, ficando restrita às áreas científicas e linguísticas. No entanto, segundo Karine Graffunder e Cintia Camillo, o discurso científico deve ser incorporado em outras áreas, sendo trabalhado tanto dentro quanto fora da sala de aula.¹⁷¹

Um dos objetivos do Ensino religioso na BNCC é o seguinte:

Cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida.¹⁷²

Nesse contexto, seria apropriado incorporar no Ensino Religioso o estímulo à leitura e análise de materiais de divulgação científica, à comunicação de resultados de pesquisas, à participação e promoção de debates, entre outras atividades. Isso permitiria que os/as estudantes aprendessem a estruturar discursos argumentativos, que tornam possível avaliar e comunicar conhecimentos produzidos para diferentes públicos e em diversos contextos. Além disso, eles/as desenvolveriam o senso crítico para processar informações, avaliando outras propostas de conhecimento com base em evidências, conhecimentos científicos e princípios éticos.¹⁷³

O Ensino Religioso, assim como outros componentes curriculares, deve promover o debate e o diálogo, explorando diferentes argumentos presentes na produção humana e cultural, sem se basear em dogmas. Isso porque tais assertivas têm impacto na relação dos/as estudante com a sociedade. As competências devem estar centradas na produção de significados que se

¹⁷⁰ SANTOS, Mirinalda A. R. O Ensino Religioso nas políticas de currículo: o caso da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Pragmatizes*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 162, p. 62-82, 2018. p. 67.

¹⁷¹ GRAFFUNDER, Karine G.; CAMILLO, Cintia M. Análise do tema divulgação científica na Base Nacional Comum Curricular e levantamento de websites para uso no âmbito da Educação Básica. *Revista Society and Development*, Itabira, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2022. p. 3.

¹⁷² BRASIL, 2018, p. 434.

¹⁷³ BRASIL, 2018, p. 434.

distanciam de dogmas, enfatizando habilidades a serem desenvolvidas. Dessa forma, por se tratar de um tema que pode entrar em contradição com as convicções religiosas dos/as estudantes, é necessário um aprofundamento detalhado dos fatores que contribuem para a aceitação ou rejeição da teoria. A melhor estratégia para uma concepção crítica da atividade científica é apresentá-la como um campo de problematização e descobertas sempre parciais em sala de aula.

Isso ressalta a importância evidente de tornar o ambiente escolar um espaço de pluralidade de conhecimentos, promovendo, através dessa sequência didática, o diálogo com a prática pedagógica que se almeja libertadora com as estratégias que contribuem para a percepção da atividade científica como não neutra e historicamente situada.

Uma maneira de promover o diálogo entre o conhecimento científico e a religião, através do componente curricular de Ensino Religioso, é integrar o contexto dos/as docentes durante a aplicação dos conteúdos e introduzir analogias científicas. As propostas de aulas que destacam essa abordagem demonstram que o diálogo pode surgir quando ambos os campos explicativos não conseguem fornecer respostas para determinadas questões, ou quando ambos concordam em certos pontos. De acordo com Ian Barbour, é por meio do diálogo que se estabelece uma relação mais construtiva entre ciência e religião.¹⁷⁴ Uma possível abordagem para este diálogo na escola seria concentrar a atenção na relação das tradições religiosas individuais com a ciência ou, mais apropriadamente, com as diferentes áreas científicas.

Nesse sentido, quando a BNCC – ao tratar do Ensino Religioso – menciona a possibilidade de trabalhar a interdisciplinaridade, é importante ter em mente que é viável criar um campo de conexão que una o Ensino Religioso às demais ciências. Isso considera a capacidade de proporcionar aos/as estudantes uma visão integrada da realidade, visto que há uma aproximação que reconhece que religião e ciência apresentam aspectos epistemológicos suficientemente semelhantes para poderem se relacionar de modo interdisciplinar na busca pelo conhecimento.¹⁷⁵

A partir disso, pode-se perceber a hipótese de que não é tão prejudicial assim unir as duas vertentes. Pode ser que a criança, ao estudar religião e ciência, consiga desenvolver mais, em alguns casos, sua capacidade de interpretação do mundo e dos acontecimentos. No âmbito educacional, é necessário unir a religião e a ciência, pois, ambas agrupam conhecimentos utilizados pelos seres humanos, que precisam entender cada uma dessas áreas em seus aspectos gerais para poder relacioná-las sem impor barreiras entre as duas.

¹⁷⁴ BARBOUR, 2004, p. 44.

¹⁷⁵ BARBOUR, 2004, p. 44.

Atualmente, vive-se em um mundo globalizado e mutável, que realiza e precisa de conexões sem preconceitos. Se a ciência é considerada pluralista, pode-se inferir que existem diferentes ciências. Portanto, não deve haver uma relação normativa entre religião e ciência devido a essa pluralização. Um mundo com muitas seitas, diferentes culturas e comunidades religiosas, não pode ter uma visão individual sem aceitar a diversidade e deve-se respeitar as culturas, já que nenhuma é superior a outra. Isso deve prevenir discussões e guerras entre opositores religiosos e cientistas, que, na verdade, devem unir-se para obter um mundo melhor social, cultural e humanisticamente.

Trabalhar as competências e as habilidades do Ensino Religioso exige a não vinculação deste componente curricular com qualquer instituição política ou religiosa. Mas, esse é um problema que ocorre nas escolas, dado que algumas tentam incorporar ações de cultos religiosos à sala de aula, comprometendo o estudo dos/as estudante para a criticidade. Essa falta de autonomia do Ensino Religioso, em alguns contextos, é um dos principais problemas para a relação entre religião e ciência, que, muitas vezes, fomenta a desconfiança.

É evidente a necessidade de mudanças na estrutura de ensino para que uma relação harmoniosa entre ciência e religião exista na sala de aula. Para tanto, os/as profissionais da educação, tanto de Ciências como do Ensino Religioso, devem buscar mais ensinamentos e técnicas sobre como abordar os dois assuntos em sala, sem desmerecer as teorias. A escola deve procurar, cada vez mais, diminuir as barreiras existentes entre as duas áreas, para proporcionar um melhor entendimento aos/às estudantes. Também se percebe, através dos estudos realizados, que os/as professores/as devem buscar unir teoria à prática, tanto no componente curricular de Ciências como de Ensino Religioso, o que não é um papel muito fácil, pois, os/as estudantes, na maioria das vezes, não conseguem relacionar o papel da teoria com o que será utilizado na prática.¹⁷⁶

Todo conhecimento tem validade, e a formação social é tão importante para os/as estudantes quanto o embasamento teórico. Os/as estudantes não são apenas receptores/as estáticos/as de informações, mas a função da escola consiste em educar, e não apenas transmitir informações. Educar no sentido de promover a vida em sociedade e assimilar preceitos que serão aprendidos na escola e levados para o decorrer da vida.

Não se pode imaginar que o Ensino Religioso seja articulado na perspectiva da catequização, muito menos que ele contradiz o que foi provado teórica e experimentalmente pela ciência. A união entre os ensinamentos transmitidos por ambas as áreas é muito

¹⁷⁶ MONTEIRO, Paula; GIRARDI, Dirceu. Religião e laicidade no STF: as figurações do secular no debate brasileiro sobre o Ensino Religioso público. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 349-366, 2019. p. 351.

construtiva, de modo que não deve ser utilizada como ponto de oposição que gera contradição na mente dos/as estudantes. O processo educacional deve manter nos/as estudantes a sede do saber em várias vertentes do conhecimento humano.

Diante das reflexões abordadas neste último capítulo, torna-se evidente a importância de abordar o negacionismo científico e promover o diálogo entre ciência e religião no contexto educacional. Essas iniciativas não apenas enriquecem o ambiente de aprendizado, mas, também, são essenciais para uma educação mais ampla, inclusiva e reflexiva. O capítulo ressaltou a necessidade de discutir questões controversas, como a origem da vida, de maneira integrada e aberta, considerando as múltiplas perspectivas dos/as estudantes nos componentes curriculares de Ciências e de Ensino Religioso. Depreende-se, pois, que, ao promover o pensamento crítico e a curiosidade científica, contribui-se para o desenvolvimento integral dos/as estudantes, preparando-os/as para compreender e questionar o mundo ao seu redor.



CONCLUSÃO

A pesquisa analisou as possíveis relações entre ciência e religião, a partir da identificação de lacunas e fragilidades no texto da BNCC, em relação ao componente curricular de Ensino Religioso. O enfoque recaiu sobre a forma como tais lacunas e fragilidades sustentam o negacionismo científico. Para tanto, realizou-se um estudo de caso em uma escola da rede municipal de ensino de Cariacica-ES, em especial com os/as estudantes matriculados/as no 9º ano do Ensino Fundamental II. Desse modo, a pesquisa teve como interesse em localizar uma resposta para a seguinte pergunta-problema: como as lacunas da BNCC para o componente curricular de Ensino Religioso contribuem para o negacionismo científico?

Na busca pelas possíveis respostas à pergunta-problema levantada na pesquisa, o referencial teórico foi estruturado à luz do pensamento de Ian Barbour. Esse pensador contribui com suas reflexões acerca dos aspectos específicos do campo da ciência. Embora Ian Barbour se esforce para relacionar a ciência com a teologia, no âmbito desta pesquisa, procurou-se aproximar essas ideias da relação entre ciência e religião, levando em consideração as propostas práticas que envolvem a integração oferecidas por esse autor. Sob os auspícios das lentes de Ian Barbour, compreende-se que o diálogo entre ciência e religião abrange diversas dimensões, o que contribuiu para refletir acerca do desenvolvimento do componente curricular de Ensino Religioso na BNCC, e suas múltiplas possibilidades de interação.

O *blend* metodológico empreendido na pesquisa considerou as pesquisas bibliográfica, documental e a realização de um estudo de caso em uma escola de Ensino Fundamental II, no Município de Cariacica-ES. Livros, artigos, dissertações, teses e a literatura especializada, de modo geral, foi consultada para fundamentar os argumentos levantados na pesquisa, bem como para explicitar o específico do referencial teórico adotado. Por intermédio da pesquisa documental, a pesquisa se debruçou sobretudo sobre a BNCC, mormente no que diz respeito às suas orientações para o componente curricular de Ensino Religioso. O estudo de caso realizado, por sua vez, ofereceu uma ampla visualização sobre como as lacunas no texto da BNCC impactam o processo ensino-aprendizagem dos/as estudantes do 9º ano, sobretudo no que tange as relações entre ciência e religião.

A estrutura da pesquisa foi elaborada em três capítulos. No primeiro capítulo, foram exploradas as inter-relações entre ciência e religião, sem perder de vista o discurso que permeia o negacionismo científico. O capítulo foi importante para evidenciar que o negacionismo científico ganha força na ausência do diálogo e, no campo da educação, os ideais democráticos acabam sendo depreciados mediante à força desse fenômeno. Ou seja, nas escolas brasileiras, a

forma como ciência e religião inter-relacionam, em geral, contribui para o negacionismo científico, impactando, sobretudo, a formação dos/as estudantes do Ensino Fundamental. Logo, o primeiro capítulo é muito importante para mostrar que há uma necessidade de apontar as possibilidades de enfrentamento do negacionismo científico nas escolas brasileiras.

No segundo capítulo, enfatizou-se a fundamentação teórica das Ciências das Religiões para o Ensino Religioso, com base nas orientações da BNCC. As competências, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades preconizadas na BNCC foram analisadas no intuito de identificar as lacunas e/ou as fragilidades relativas ao componente curricular de Ensino Religioso. A principal fragilidade identificada no texto da BNCC para o Ensino Religioso foi a seguinte: não se menciona a importância do conjunto de divulgação científica, da mesma maneira que é mencionado ao longo do documento para outros componentes curriculares. A importância desse capítulo consistiu em demonstrar que, de fato, há uma necessidade desse componente curricular incorporar as diversas áreas de conhecimento a serem trabalhadas na sala de aula, uma vez que elas podem ser contextualizadas de forma social, histórica, cultural e científica.

No terceiro e último capítulo, objetivou-se tratar o problema levantado na pesquisa, a partir da verificação sobre como as lacunas identificadas na BNCC para o componente curricular de Ensino Religioso podem contribuir para o negacionismo científico. Neste capítulo, o diálogo entre ciência e religião foi aproximado do ambiente escolar. Isso foi feito a partir da apresentação e das análises empreendidas a partir do estudo de caso realizado em uma escola de Ensino Fundamental, no Município de Cariacica-ES. O estudo de caso realizado com os/as estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental evidenciou que a religião exerce influência sobre uma parcela significativa dos/as estudantes. Esse aspecto é importante para a pesquisa, pois reforça a hipótese da pesquisa de que as lacunas e/ou as fragilidades da BNCC em relação ao Ensino Religioso sustentam o negacionismo científico nas escolas públicas.

A proposta profissional da pesquisa se justifica diante da necessidade de arranjos nas unidades temáticas, nos objetos de conhecimento e nas habilidades no currículo do Ensino Religioso, na BNCC. Em geral, o texto da BNCC quanto ao Ensino Religioso, além de considerar o diálogo entre ciência e religião no contexto escolar, deve contribuir para a mitigação do negacionismo científico, bem como restaurar a dignidade da ciência nas escolas brasileiras. Portanto, a hipótese da pesquisa foi confirmada diante da necessidade de aproximações pertinentes entre ciência e religião, sobretudo a partir de arranjos que reflitam sobre as lacunas e/ou fragilidades localizadas nas unidades temáticas, nos objetos de

conhecimento e nas habilidades previstas para o currículo do Ensino Religioso, segundo a BNCC.

Cabe reforçar que, por se tratar de um tema amplo e complexo, a pesquisa não esgota o assunto. Na verdade, ela pavimenta caminhos para a realização de pesquisas futuras, mormente em relação à ausência de menção da BNCC para o Ensino Religioso sobre a importância do conjunto de divulgação científica, assim como acontece com os demais componentes curriculares. Considera-se pertinente a promoção de aproximações entre ciência e religião, sobretudo a partir do referencial teórico elencado na pesquisa, tendo em mente a premência de arranjos sobre as lacunas identificadas no texto da BNCC em relação ao currículo do Ensino Religioso.

A pesquisa emerge como um contributo para a prática profissional da pesquisadora exatamente a partir das relações dialógicas entre religião e ciência. A partir de agora, nas aulas, a explicação da realidade será considerada a partir das visões de mundo defendidas tanto pela ciência quanto pela religião, no intuito de fornecer explicações em diálogo com esses dois campos. Considera-se a ciência e a religião como instâncias que influenciam os valores e a ética humana, de modo que a primeira contribui para o desenvolvimento de tecnologias e saberes que podem influenciar a sociedade, e a segunda, por sua vez, pode fornecer um conjunto de valores morais também influenciadores. Após essa pesquisa, pretende-se empreender um diálogo mais construtivo para valorizar as relações entre ciência e religião, com a perspectiva de um enriquecimento mútuo e resolução de conflitos que envolvem o negacionismo científico, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Flávia R. O avanço dos fundamentalismos e a ameaça à liberdade religiosa: uma discussão de caráter urgente e imprescindível. *Revista Ateo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 70, p. 816-832, 2022.
- AMES, Bruna K.; MARTINS, Daniella S. M. Negacionismo científico, fundamentalismo religioso e pós-verdade: uma análise acerca dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico no contexto da necropolítica Brasileira. *Revista Relatórios de Pesquisa*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 1-76, 2021.
- ANGELO, Carise M. “Escola sem Partido” ou “Escola com Mordaza”: precisamos refletir acerca do nosso papel docente. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO TÂNIA MARA TAVARES DA SILVA, VII, 2017, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 65-75. [pdf].
- ANGELO, Carise M. Negacionismo científico e propagação de notícias falsas ligadas a ciência: precisamos falar sobre isso na escola. *Revista Docência e Cibercultura*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 255-268, 2023.
- BAPTISTA, Mauro R. O Ensino Religioso e a nova Base Nacional Comum Curricular. *Revista Religare*, Cidade Universitária, v. 16, n. 1, p. 228-263, 2019.
- BARBOUR, Ian G. Tipos de relación entre ciência y teología. In: RUSSEL, Robert J. (org.). *Física, filosofía y teología: una búsqueda común*. México: Edamex, 2002. p. 52-69.
- BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix, 2004.
- BORGES, Ianni S. *O Negacionismo em sala de aula: e agora professor (a)?* Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2022.
- BRANDENBURG, Laude E.; CAMPOS, Fernando B.; SOUZA, Pablo R. C. C. A contribuição das dez competências gerais da BNCC na área do ensino religioso: princípios normativos de coesão e esperança. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. XXVII, n. 94, p. 61-74, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018a.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP nº 5, de 28 de dezembro de 2018b*. [Institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião]. Brasília: MEC. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao%2005-2018%20CNE.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- CARIAS, Celso P. Ciência e religião: chega de briga. *Revista CREatividade*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-5, 2013.
- CHARLOT, Bernard; CHARLOT, Veleida A. C. S. O negacionismo: uma crise social da relação com a verdade na sociedade contemporânea. *Revista Internacional Educo*, São Cristóvão, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2021.

CHIZZOTTI, Antônio; ALMEIDA, Maria E. B. Currículo e utopias em meio ao negacionismo. *Revista Curriculum*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-9, 2021.

COLONETTI, Marciel; SANCHES, Mário A. Percepção das relações entre ciência e religião em contexto acadêmico. In: OLIVEIRA, Paulo E.; TESCAROLO, Ricardo (orgs.). *Ensaio sobre ciência e fé*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. p. 75-98.

COSTA, Otávio B. R. Onde estamos? Considerações antropofílicas sobre ciência, cultura digital, negacionismo e revisionismo e a Covid 19. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, Icó, v. 3, n. 3, p. 1553-1567, 2020.

D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Barueri: Faro, 2018.

DAVID, Mariano G.; CORREA, Mônica F. As diversas faces da dúvida: ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências. *Revista em Construção*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 158-172, 2020.

DIAS, Murilo P.; CUNHA, Isadora E. E. A.; BARJA, Paulo R. Fundamentalismo religioso e acirramento da intolerância no Brasil pandêmico: Freud explica. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (UNIVAP), XXIV, 2021, São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: (UNIVAP), 2021. p. 1-6. [pdf].

ESTEVES, Tiago J. Q. *Teologia e ciência em diálogo: análise da trilogia A Scientific Theology de Alister E. McGrath*. Tese (Doutorado em Teologia) –Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2021.

FASKOMY, Thayana L.; MENDES, Marta F. A. Relações entre os aspectos científicos e religiosos no ensino de evolução biológica: uma abordagem sócio-histórica na sala de aula. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA (UEPB), XVI, 2018, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: UEPB, 2018, p. 1-17. [pdf].

FERREIRA, Renan C.; BRANDENBURG, Laude E. O Ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz. *Revista Caminhos*, Goiânia, v.17, n. 2, p. 508-522, 2019.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, Eliane M. L. M. *Bem-me-quer, malmequer: um estudo sobre a presença do Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Escola 'sem' partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: LPP; Uerj, 2017.

GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela. *Por quem os sinos tocam: reflexões acerca dos discursos negacionistas e os fundamentalismos religiosos em tempos de pandemia no Brasil – as configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos*. Foz do Iguaçu: Claec, 2021.

GATTI, Bernardete A. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. *Revista Práxis Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 50, p. 1-16, 2022.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Edilene B. Base Nacional Comum Curricular e Ensino Religioso. *Revista Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v.2, n.3, p.1-12, 2021.

GOMES, Saulo Q.; FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ciência, Religião e Escola. O que dizem as pesquisas? *Revista Prometeica*, São Paulo, n. 25, p. 66-82, 2022.

GOMES, Saulo Q.; FIGUEIRO A, Silvia F. M. Ciência, religião e escola. *Revista de Filosofia e Ciências*, São Paulo, n. 25, p. 66-82, 2022.

GONÇALVES, Rafael B. Discurso laico e discurso religioso em tempos de Coronavírus. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 23, p. 1-42, 2021.

GONZALES, Keila P.; DIAS, Romulo. O Ensino Religioso na BNCC: o estudo do fenômeno religioso na escola pública brasileira. *Revista Temas de Educação*, João Pessoa, v. 31, n. 1, p. 193-212, 2022.

GRAFFUNDER, Karine G.; CAMILLO, Cintia M. Análise do tema divulgação científica na Base Nacional Comum Curricular e levantamento de websites para uso no âmbito da Educação Básica. *Revista Society and Development*, Itabira, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2022.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Revista Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-74, 2021.

GUILHERME, Alexandre A.; PICOLI, Bruno A. Escola sem partido: elementos totalitários em uma democracia moderna – uma reflexão a partir de Arendt. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-23, 2018.

GUIMARÃES, Cátia C. Negacionismo científico: do debate epistemológico à luta de classes. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-7, 2022.

HARRISON, Peter. Ciência e religião: construindo os limites. *Revista Rever*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2017.

HATZENBERGER, Dionísio F.; WENCZENOVICZ, Thaís J. A epistemologia do Ensino Religioso: um estudo a partir da BNCC. In: FÓRUM DE REDE MUNICIPAL DE ENSINO (SENA), XVII, 2019, Novo Hamburgo. *Anais...* Novo Hamburgo: SENA, 2019. p. 18-27. [pdf].

HEGEL, Georg F. W. *Filosofia da história*. Brasília: UnB, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

JAPIASSU, Hilton. Ciência e religião: articulação dos saberes. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (ed.). *Religião, ciência e tecnologia*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 105-133.

JORGE, Wellington J.; TERUYA, Teresa K.; SOUZA, Izaque P. *Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): possibilidades e desafios*. Canoas: SBECE, 2017.

LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. Lisboa: Roger Delraux, 1985.

LÓPEZ, María A. A. Negacionismo: concepto. *Revista Eunomia*, Madrid, v. 1, n. 24, p. 250-260, 2023.

MARIA, Tayná L.; CHEVITARESE, André L. Fundamentalismo religioso cristão: em busca de um conceito. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná L. (orgs.). *Fundamentalismo religioso cristão: olhares transdisciplinares*. Rio de Janeiro: Klíne, 2021. p. 9-21.

MARTINEZ, Flávia W.; CARRERI, Márcio L.; SALIBA, Maurício G. *Educação, tensões e desafios contemporâneos: negacionismo, Covid-19, ensino remoto e outras questões do nosso tempo*. São Carlos: Pedro & João; Cornélio Procópio; UENP, 2022.

MCINTYRE, Lee. *Post-truth*. Cambridge: MIT Press, 2018.

MIGUEL, Mário L.; SANTOS, Leandro J.; SOUZA, Leonardo A. Algumas percepções de estudantes do Ensino Médio sobre ciências, pseudociência e movimentos anticientíficos. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 191-222, 2022.

MONTEIRO, Paula; GIRARDI, Dirceu. Religião e laicidade no STF: as figurações do secular no debate brasileiro sobre o Ensino Religioso público. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 349-366, 2019.

NICHELE, Patrícia T.; MELLO, Maria Aparecida S. Gestão escolar na perspectiva da educação democrático-participativa e a função social da escola. *Revista Saberes Pedagógicos*, Criciúma, v. 4, n. 3, p. 323-343, 2020.

OLIVEIRA, Juliana M. P.; STRIEDER, Dulce M.; GIANOTTO, Dulcinéia E. P. Cultura científica e formação de professores: desafios e possibilidades. *Revista Valores, Volta Redonda*, v. 3, p. 489-497, 2018.

PASSOS, João D. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEIXOTO, Cintia T. B. Ciência e religião: um mapeamento de artigos nacionais que abordam a relação entre esses campos. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 169-187, 2021.

PERES, V. Ciência e religião como formas de conhecimento. In: FALCÃO, Eliane B. M. (ed.). *Fazer ciência, pensar a cultura: estudos sobre a ciência e a religião*. Rio de Janeiro: CCS; UFRJ, 2006. p. 145-178.

PETERS, Michael A. Education in a Post-truth World. In: PETERS, Michael A.; HYVÖNEN, Mats; RIDER, Sharon; BESLEY, Tina. (orgs.). *Post-Truth, Fake News Viral Modernity & Higher Education*. Singapore: Springer, 2018. p. 133-157.

PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon. *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Loyola; UNESP, 2003.

PINTO, Gisnaldo A. *Divulgação científica e práticas educativas*. Curitiba: CRV, 2010.

PIEPER, Frederico. Ciências da Religião nas universidades públicas brasileiras: modelos de implementação e desafios. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 22-36, 2019.

PIEPER, Frederico. Entre o passado e o futuro: horizontes para a fenomenologia da religião. *Revista Religare*, Cidade Universitária, v. 19, n.2, p. 259-288, 2022.

PY, Fábio. Evangélicos, bolsonarismo e a pandemia fundamentalista. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 821-825, 2021.

RABELLO, Priscila F. M.; SILVA, Joana D'Arc A.; OLIVEIRA, Heloísio C.; MORAES, Onildo S.; GARCIA, Monique L.; SIPRIANO, Luciene. Ao discurso negacionista/religioso e científico em tempos de pandemia, COVID-19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 111831-111844, 2021.

RABÊLO, Fabiano C.; MARTINS, Karla P. H. O negacionismo: uma leitura psicanalítica de o castelo Branco de o Pamuk. *Revista Ide*, São Paulo, v. 43, n. 72, p. 129-140, 2021.

RECEPUTI, Caian C. Currículo narrativo: uma proposta de ensino crítico para enfrentar o negacionismo científico. *Revista Balbúrdia*, São Paulo, n. 3, p. 40-41, 2021.

REIS, Marcos V. F.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. *O sagrado em tempo de pandemia diálogos a partir do campo religioso brasileiro*. Rio de Janeiro: Nepan, 2021.

RIBEIRO, Lucas M. O papel da religião no paradigma pré-moderno e suas consequências para o direito: a passagem da pré-modernidade para a modernidade e as visões acerca da religião nas teorias sociológicas de Durkheim, Marx e Weber. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, a. 25, n. 6098, p. 19-33, 2020.

RICETO, Bernardo V.; COLOMBO, Pedro D. Diálogos entre ciência e religião: as temáticas sob a ótica de futuros professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 100, n. 254, p. 169-190, 2019.

ROCHA, Héliida C. *Concepção de professores de Ensino Médio em Ceilândia*: Distrito Federal sobre as teorias criacionista e evolucionista e sua influência no ensino. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RODRIGUES, Elisa. Ciência da Religião e Ensino Religioso: efeitos de definições e indefinições na construção dos campos. *Revista Rever*, São Paulo, a. 15, n.2. p. 55-66, 2015.

RODRIGUES, Marcel H. Ciência e religião, conciliáveis? *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 179-182, 2014.

ROMANO, Jorge O.; BITTENCOURT, Thais P.; BALTHAZAR, Paulo A. A.; FEITOSA, Annagesse C. A disputa de discursos sobre a pandemia. In: LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL [site institucional]. 01 jun. 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-disputa-de-discursos-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ROQUE, Tatiana M. O negacionismo no poder: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. In: REVISTA PIAUÍ [Site institucional]. 01 fev. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTOS, Mirinalda A. R. O Ensino Religioso nas políticas de currículo: o caso da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Pragmatizes*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 162, p. 62-82, 2018.

SANTOS, Rodrigo O. Ciência da religião aplicada ao currículo do Ensino Religioso. *Revista Rever*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 71-88, 2022.

SANTOS, Taciana B. O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular: algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-12, 2021.

SCHEID, Neusa M. J. Ciência na educação científica e tecnológica: contribuições e desafios. *Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Tecnologia*, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 233-248, 2018.

SELLES, Sandra E.; VENÂNCIO Bruno. Contribuições da escola para a superação do negacionismo científico. *Revista Bio-Grafia*, Bogotá, n. 1, p.3175-3178, 2022.

SEPÚLVEDA, Cláudia; EL-HANI, Charbel. Quando visões de mundo se encontram: religião e ciência na trajetória de formação de alunos protestantes de uma licenciatura em ciências biológicas. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 137-175, 2004.

SEPULVEDA, José Antônio M.; MENDONÇA, Amanda A. Laicidade e pandemia em tempos conservadores. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 384-396, 2022.

SILVA, José C. O currículo e o Ensino Religioso na BNCC: reflexões e perspectivas. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 20, n. 44, p. 56-65, 2018.

SILVA, Leodefane B. Terrorismo moderno e fundamentalismo religioso: uma era de incertezas no âmbito global. *Revista Akropolis*, Akropolis, v. 23, n. 2, p. 181-189, 2015.

SILVA, Yask G. Fenômeno religioso: uma busca pela verdade. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 4, p. 345-353, 2012.

SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios*. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

SIQUEIRA, Rosângela S. Ensino Religioso e a Ciência da Religião na Educação Básica: a importância dos estudos regionais. In: REIS, Marcos V. F.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; SILVA, Rosângela S. (orgs). *Ensino Religioso x Ciência da Religião: práticas pedagógicas e a diversidade no contexto local*. Rio Branco: Nepan, 2020. p. 251-272.

SOLLERO, Pina E. D. N. Caminhos da docência contra o negacionismo científico. *Revista Balbúrdia*, São Paulo, n. 3, p. 36-39, 2021.

SOUZA, Catiane; CHÉQUER, Priscila. Fundamentalismo religioso e político na pandemia: “é isso mesmo”, “e daí?”. *Caderno Teológico*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 123-137, 2021.

STF. *STF conclui julgamento sobre Ensino Religioso nas escolas públicas*. 27 set. 2017. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=357099&ori=1>. Acesso em: 20 jun. 2024.

STIGAR, Robson. *O tempo e o espaço na construção do Ensino Religioso: um estudo sobre a concepção do Ensino Religioso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Dissertação

(Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

STIGAR, Robson; MASSAMBANI, Vanessa R. *Ciência da Religião: um novo paradigma para o Ensino Religioso*. *Revista Acadêmica Online*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-82, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. O “ensino do religioso” e as Ciências da Religião. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 839-861, 2011.

TEIXEIRA, Pedro. Ensino de evolução e religiosidade dos estudantes: reflexões para a prática pedagógica. *Revista da SBEnBio*, São Paulo, n. 7, p. 6161-6172, 2014.

TEIXEIRA, Ricardo R. P.; BICUDO, Rodrigo S. Uso de vídeos em atividades educacionais de divulgação científica sobre movimentos de negação da ciência. *Revista Educitec*, Manaus, v. 7, p. 1-16, 2021.

VILELA, Mariana L.; SELLES, Sandra E. É possível uma educação em ciências crítica em tempos de negacionismo científico? *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 1722-1747, 2020.



APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO PARA OS/AS ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 30/08/2024.

CONHECIMENTO CIENTIFICO E ENSINO RELIGIOSO

soares.ensino@gmail.com [Mudar de conta](#)



 Não compartilhado

1 - QUAL A MAIOR PROVA QUE A TERRA TEVE UM INICIO - ORIGEM DA VIDA NA TERRA :

- ☐ A explosão do Big Bang
- ☐ Foi criada pela força Divina (Deus)

2 - O QUE HAVIA ANTES DO BIG BANG:

- ☐ Nada, porque Deus ainda não tinha criado
- ☐ Um outro Universo
- ☐ Estrelas gigantes

3 - QUAL DAS IDEIAS É MAIS ACEITAVÉL PARA VOCÊ?

- ☐ Na evolução: o homem tem ancestrais comum aos macacos, mas evoluiu.
- ☐ O homem não evoluiu, Deus (fez ele) o CRIOU exatamente como é agora.

4 - O HOMEM DESENVOLVEU A CAPACIDADE DE EVOLUIR E MODIFICAR SEU AMBIENTE?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

5 - VOCÊ ACREDITA QUE A TERRA PODE SER PLANA?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

6 - QUANDO PROFESSOR DE CIÊNCIAS FALA SOBRE A ORIGEM DA VIDA NA TERRA, COM BASE NO CONHECIMENTO CIENTÍFICO, VOCÊ:

- ☐ Prefere não ouvir, não participa da aula para não poder desacreditar na religião.
- ☐ Ouve com atenção, faz perguntas, questiona e gosta de saber sobre o assunto.

7 - VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL ACREDITAR EM DEUS E NA CÊNCIAS AO MESMO TEMPO?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

8 - Você tem dúvida sobre as descobertas científicas? tais como: a eficácia das vacinas, a existência de outros planetas e possibilidade de vida neles?

- ☐ Sim
- ☐ Não

9 - DURANTE AS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO, O PROFESSOR ENSINA SOBRE OUTROS ASSUNTO ALÉM DA RELIGIÃO?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

10 - DURANTE AS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO, O PROFESSOR JÁ APRESENTOU OUTRAS CRENÇAS DOS POVOS INDIGENAS, AFROBRASILEIROS E OUTROS SOBRE A ORIGEM DA VIDA NA TERRA PARA VOCÊS?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

11 - VOCÊ ACREDITA NA POSSIBILIDADE QUE A TERRA PODE NÃO TER SIDO CRIADA POR UM ÚNICO DEUS, MAS POR VÁRIOS (DEUSES), E QUE PODE HAVER OUTRA EXPLICAÇÃO PARA SEU SURGIMENTO, ALÉM DO CRIACIONISMO?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

12 - APÓS, ASSISTIR UMA NOTÍCIA NA TELEVISÃO AFIRMANDO QUE DETERMINADA RELIGIÃO NÃO ACREDITA NA EFICÁCIA E CONHECIMENTO CIENTIFICO EM RELAÇÃO A VACINA, VOCÊ:

- ☐ Toma a vacina assim mesmo
- ☐ Acredita na notícia e não toma a vacina

13 - DURANTE AS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO, COSTUMA SER ABORDADA OUTRAS CRENÇAS, CULTURAS, RESPEITO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E A DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS E MANIFESTAÇÕES?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

14 - VOCÊ SEGUE OS ENSINAMENTOS RELIGIOSOS QUANDO VAI TOMAR DECISÕES NA SUA VIDA? COMO, SE VACINAR OU NÃO, ACREDITAR EM DETERMINADA COISA OU NÃO?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

15 - DUANTE A PANDEMIA DA COVID - 19, O PROFESSOR DE CIÊNCIAS OU RELIGIÃO ABORDOU ALGUM TEMA SOBRE NEGACIONISMO CIÊNTIFICO?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

APÊNDICE B: PLANO DE AULA 2023 – MAPB



PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA PARA ASSUNTOS PEDAGÓGICOS
GERÊNCIA DE ENSINO
COORDENAÇÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL

“EMEF ROSA DA PENHA”

R. Castelo Branco - Rosa da Penha, Cariacica - ES, 29143-362

Email: rosadapenha.seme@cariacica.es.gov.br

PLANO DE AULA 2023 - MAPB

Professor(a):	Carmelia Vilela, Alana Marques Gonçalves		
Componente Curricular:	Ciências		
Ano de Escolaridade:	9º ano	Turma:	A

PERÍODO	23/05/2023 a 25/05/2023	
TRIMESTRE	2º Trimestre	
Metodologia	(X) Aula expositiva. (X) Rodas de conversa; debates.	(X) Aprendizagem baseada em problemas.
Recursos didáticos	lousa; pincel; livro didático; cópias, TV, Internet	
Evidências da aprendizagem	(X) Produção escrita. (x) Engajamento do estudante.	(X) Participação oral.

Atividades Propostas		Dias	Turmas
1º semana	Objetivos: 1. Compreender as diferentes teorias sobre a origem da vida a partir da perspectiva científica e religiosa. 2. Desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de argumentação em um ambiente de respeito e diálogo. 3. Promover a troca de ideias e experiências entre os alunos através da metodologia da roda de conversa.	23/05	9A
	Conteúdo: - Teorias científicas sobre a origem da vida (abiogênese, biogênese, teoria da evolução). - Perspectivas religiosas sobre a criação e a origem da vida (criação divina, mitos de criação).	24/05	9A
		25/05	9A
	Metodologia: Aula 1: Contextualização e Pesquisa 1. Introdução (10 min): - Apresentar o tema "Origem da Vida" e sua importância. - Dividir a turma em dois grupos: um para pesquisar teorias científicas e outro para explorar perspectivas religiosas. 2. Pesquisa em grupo (30 min): - Grupo 1: Pesquisar sobre as principais teorias científicas sobre a origem da vida, como a abiogênese, biogênese e a teoria da evolução de Darwin. - Grupo 2: Pesquisar sobre as visões religiosas em diferentes culturas (Cristianismo, Hinduísmo, Mitologias indígenas, etc.) e como essas crenças explicam a origem da vida.		

	- Os alunos podem usar livros, artigos e recursos digitais. 3. Preparação para a Roda de Conversa (10 min): - Cada grupo deve preparar uma breve apresentação (5 minutos) sobre suas descobertas e reflexões para a roda de conversa. Aula 2: Roda de Conversa 1. Roda de conversa (40 min): - Organizar os alunos em um círculo. - Um aluno de cada grupo apresenta suas descobertas, enquanto os demais ouvem atentamente. - Após cada apresentação, abrir para perguntas e discussões. Incentivar o respeito e a escuta ativa. 2. Reflexão e Debate (10 min): - Conduzir uma reflexão sobre a importância de compreender diferentes perspectivas sobre a origem da vida. - Perguntas para guiar a reflexão: - Como as teorias científicas e as crenças religiosas podem coexistir? - O que mais chamou a atenção nas apresentações dos colegas? - Como as diferentes visões sobre a origem da vida influenciam a forma como vemos o mundo?		
	Considerações Finais: Esse plano de aula conjunta entre Ciências e Ensino Religioso busca promover um espaço de diálogo, respeito e reflexão crítica sobre um tema que é fundamental para a compreensão da vida e da diversidade de crenças e conhecimentos que existem na sociedade.		
Orientações pedagógicas (Campo destinado para as observações do pedagogo sobre as aulas).			
Esse plano de aula conjunta entre Ciências e Ensino Religioso busca promover um espaço de diálogo, respeito e reflexão crítica sobre um tema que é fundamental para a compreensão da vida e da diversidade de crenças e conhecimentos que existem em nossa sociedade.			
Assinatura da Professor(a):	<i>Carmelia Vilela, Alana Marques Gonçalves</i>		
Assinatura do(a) Pedagogo(a):	<i>Jandira Fabris</i>		
Data de preenchimento	22/05/2023		